

**UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ**  
**PROGRAMA DE MESTRADO EM SAÚDE E GESTÃO DO TRABALHO**  
**CAPES/UNIVALI/UNESCO**  
**NANCI APARECIDA DA SILVA**

**PROCESSO FORMATIVO DA ESCOLA TÉCNICA DE SAÚDE:  
UM OLHAR SOBRE O PROCESSO DE TRABALHO DOCENTE**

**Itajaí**  
**2009**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**NANCI APARECIDA DA SILVA**

**PROCESSO FORMATIVO DA ESCOLA TÉCNICA DE SAÚDE:  
UM OLHAR SOBRE O PROCESSO DE TRABALHO DOCENTE**

*Dissertação apresentada como  
requisito para obtenção do grau de Mestre  
em Saúde e Gestão do Trabalho - área de  
concentração Saúde e Gestão do Trabalho  
pela Universidade do Vale do Itajaí – em  
Convênio com UNESCO*

**Orientadora: Dra. Maria Tereza Leopardi**

**Itajaí  
2009**

## FICHA CATALOGRÁFICA

S38f Silva, Nanci Aparecida da, 1966-

Processo formativo da escola técnica de saúde [manuscrito] : um olhar sobre o processo de trabalho docente / Nanci Aparecida da Silva. – 2009.

105 f. : il. Color.

Cópia de computador (Printout(s)).

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Itajaí, Programa de Mestrado Profissionalizante em Saúde e Gestão do Trabalho, 2009.

**NANCI APARECIDA DA SILVA**

**“PROCESSO FORMATIVO DA ESCOLA TÉCNICA DE SAÚDE: UM OLHAR  
SOBRE O PROCESSO DE TRABALHO DOCENTE”.**

Esta Dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre e aprovada pelo Programa de Mestrado em Saúde e Gestão do Trabalho da UNIVALI.

Área de Concentração: Gestão do Trabalho e Educação em Saúde

Itajaí, 03 de dezembro de 2009.

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Teresa Leodardi - Presidente e Orientadora  
UNIVALI

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Stella Maris Brum Lopes – Membro Interno  
UNIVALI

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Flávia Regina Souza Ramos – Membro Externo  
UFSC

*A meus pais, Pedro (Doda) e Nanci;  
A minha filha, Melina*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, por me dar todas as oportunidades;

Aos meus pais pelo incentivo e apoio;

A minha filha, que sempre foi um estímulo;

Aos meus irmãos, sobrinhos e tios;

Ao meu amor, que esteve junto em uma parte desta caminhada;

A minha orientadora, Maria Tereza, pela convivência e ensinamentos;

A Cláudia, coordenadora da Escola Técnica de Saúde por todo seu empenho e apoio nestes dois anos;

Aos companheiros de trabalho da Secretaria Municipal de Saúde e da Universidade Regional de Blumenau;

Aos alunos da graduação em Enfermagem da FURB pelo apoio neste período, dividindo nossas ansiedades;

Aos alunos da Escola Técnica de Saúde;

A coordenação do mestrado, seus professores e funcionários;

A todos que partilharam minha caminhada profissional, sempre me ensinando.

*“O trabalho é que nos permite estabelecer um grande número de relações ao longo da vida. É com o nosso trabalho que crescemos, pessoal e espiritualmente, porque ele é o resultado da nossa forma de expressão no mundo e a nossa grande chance de construir um planeta mais humano e saudável.”*

*Maria Júlia Paes da Silva*



SILVA, Nanci Aparecida. Processo formativo da Escola Técnica de Saúde: um olhar sobre o processo de trabalho docente. Itajaí, 2009. 105 pp.

**RESUMO:** Esta pesquisa foi do tipo qualitativo, de caráter exploratório, com um desenho organizado em duas formas, ou seja, entrevistas semi-estruturadas com egressos do Curso Técnico em Vigilância Sanitária (TVSSA), da Escola Técnica de Saúde de Blumenau (ETS) e seus respectivos gestores dos serviços de Vigilância Sanitária da Região do Vale do Rio Itajaí-Açú. Buscando aprofundar esta investigação também apresentaremos um estudo de caso com um professor do curso. O objeto do estudo foi o processo ensino-aprendizagem enquanto processo de trabalho. Como objetivos foram estabelecidos (a) compreensão e interpretação do processo formativo na ETS Blumenau, no curso TVSSA, a partir da análise de conceitos do processo de trabalho, buscando caracterizar o processo ensino-aprendizagem; (b) identificar fatores facilitadores ou dificultadores do processo, influências da 'metodologia problematizadora', enquanto instrumento de trabalho. A necessidade de promover uma avaliação consistente do processo formativo da ETS tornou-se uma justificativa para sua realização, esperando-se contribuir para redimensionar tanto o processo avaliativo quanto a abordagem pedagógica, seja no preparo do docente, que, no caso da Vigilância Sanitária, por suas características peculiares, exige uma prática do docente na área profissional. Os resultados obtidos foram interessantes, no sentido de avaliar o trabalho docente e o papel da Escola enquanto formador de recursos humanos, sugerindo a necessidade de uma ênfase maior na capacitação pedagógica, tanto no sentido de aumento da carga horária, quanto da instrumentalização desse professor para a docência, utilizando na formação a metodologia da problematização. Há necessidade também de inclusão na capacitação de temas como o processo de trabalho, discutindo o papel do docente nessa formação específica, além da necessidade de articular questões mais gerais, como promoção da saúde, com as mais específicas, ou seja, a fiscalização propriamente dita, buscando assim a reflexão, a pesquisa e a articulação em busca de uma visão mais ampla. Também buscar adequar a proposta de atividades necessárias ao processo ensino aprendizagem às características do ensino em serviço, bem como propor atividades mais condizentes com esta proposta buscando incentivar alunos e docentes a pesquisar, avançando para uma proposta realmente articulada com o serviço. A questão teórica deve ser proposta em termos de novas práticas de Vigilância em Saúde, além do desenvolvimento de ações em conjunto com outros serviços, buscando desenvolver no aluno a percepção das possibilidades de atuação inter-setorial e interdisciplinar.

**PALAVRAS-CHAVE:** 1. Educação; 2. Educação Profissionalizante; 3. Vigilância sanitária

SILVA, Nanci Aparecida. Processo formativo da Escola Técnica de Saúde: um olhar sobre o processo de trabalho docente. Itajaí, 2009. 105 pp.

**ABSTRACT:** This is a qualitative, exploratory study, the design of which is organized in two ways; semi-structured interviews with former students of the *Curso Técnico em Vigilância Sanitária* (TVSSA) (Technical Course in Health and Sanitary Surveillance) of the Escola Técnica de Saúde de Blumenau – ETS, and the managers of the Health Surveillance service of the Vale do Rio Itajaí-Açú Region. Seeking to widen the investigation, a case study is also carried out with one of the teachers of the course. The object of study was the teaching-learning process as a work process. The objectives established were: *comprehension and interpretation of the training process at the ETS Blumenau, on the TVSSA course, based on the analysis of concepts of the work process, attempting to characterize the teaching-learning process and the influences of the investigative methodology, as a working tool.* The need to promote a consistent evaluation of the training process of the ETS was the justification for this research, in the hope of contributing to redimensioning the process of evaluating the teaching approach, and the preparation of teachers which, in the case of Health Surveillance, due to its special characteristics, requires teaching practice in the professional area. The results obtained were interesting, enabling an evaluation of the teaching work and the role of the school in the development of human resources, suggesting the need for a greater emphasis on pedagogical training, in the sense of increasing the working hours and enabling teachers for the pedagogical practice, using this very pedagogical practice in the training of teachers. There is also a need to include training in themes like the teaching work process, discussing the teacher's role in this specific training, as well as a need to articulate more general issues - such as health promotion - with more specific ones, i.e. inspection, thereby promoting reflection, research and articulation in search of a wider vision. There is also a need to adapt the proposed activities needed for the teaching-learning process, the characteristics of the in-service teaching, and to propose suitable activities that are in keeping with this proposal, seeking to encourage research among students and teachers and move away from the simple relationship between theory and practice, towards a proposal that is closely linked to the service. The theoretical question must be presented in terms of new practices in Health Surveillance, together with the development of joint actions with other services, encouraging the student to see the possibilities of an inter-sector and interdisciplinary practice.

**KEY WORDS:** 1: Education 2: Professional Education 3: Health Surveillance

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização dos participantes.....	36
Quadro 2 – Subcategorias relacionadas ao tema Necessidades de trabalho de acordo com o docente, egressos e gestores.....	50
Quadro 3 – Subcategorias relacionadas ao tema Finalidades de trabalho docente de acordo com o docente, egressos e gestores.....	52
Quadro 4 – Subcategorias relacionadas ao tema Objeto de trabalho de acordo com o docente, egressos e gestores.....	55
Quadro 5 – Subcategorias relacionadas ao tema Força de trabalho de acordo com o docente, egressos e gestores.....	57
Quadro 6 – Subcategorias relacionadas ao tema Instrumentos de trabalho de acordo com o docente, egressos e gestores.....	62
Quadro 7 – Subcategorias relacionadas ao tema Processo pedagógico, de acordo com o docente e egressos.....	65

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE QUADROS.....</b>	<b>10</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
1.1 OBJETIVOS.....	14
<b>2 BASES TEÓRICAS.....</b>	<b>16</b>
2.1 PROCESSO DE TRABALHO.....	16
2.2 PROCESSO FORMATIVO.....	27
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>30</b>
<b>4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>34</b>
4.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO.....	34
4.2 O DESVENDAMENTO DE UM TRABALHO NOVO.....	36
4.3 O PROCESSO DE TRABALHO DOCENTE EM VIGILÂNCIA SANITÁRIA E SAÚDE AMBIENTAL COMO CASO ESTUDADO.....	37
4.4 RETOMANDO OS CONCEITOS DA REVISÃO DE LITERATURA: PROCESSO DE TRABALHO E PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM.....	39
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>64</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>67</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O conhecimento do mundo do trabalho, nestes vinte anos de atuação, seja como enfermeira assistencial, em unidade básica de saúde, ou em ambiente hospitalar, seja como gestora municipal de saúde, e mais o fato de nos últimos três anos estar atuando como docente e coordenadora no ensino profissional, trouxe-me várias indagações.

Conviver e trabalhar com os mais diversos tipos de profissionais, seus modos de trabalho, suas dificuldades e suas potencialidades, depois de tanto tempo, fizeram-me alterar minha trajetória profissional, saindo do campo assistencial para a área da formação, experiência que acentuou algumas interrogações acerca do processo formativo.

Como profissional da área da saúde, e atuando há pouco tempo na docência em saúde, estas interrogações também alcançam meu papel enquanto docente, atuando diretamente com diversos grupos de alunos, ou na coordenação dos cursos na Escola Técnica de Saúde (ETS).

Nos vinte anos de caminhada na área da saúde pude vivenciar e acompanhar os mais diversos processos de trabalho, inclusive na área da Vigilância Sanitária, tais situações me traziam muitos questionamentos quanto à questão da formação dos profissionais, muitas vezes desligada da realidade em que atuava. Tínhamos uma formação dentro de um ideal de assistência à saúde e na prática, com todas as dificuldades vivenciadas, seja em municípios de pequeno porte seja em outros com mais condições, uma possibilidade de atuação bem limitada, em que muitas vezes a ação surgia mais por persistência do profissional do que por atendimento as necessidades dos serviços.

As questões ligadas à apreensão dos conteúdos, pelos alunos dos cursos de formação na Escola Técnica de Saúde, e a aplicação dos conhecimentos à realidade passaram a serem minhas perguntas mais freqüentes, principalmente depois que assumi a Coordenação do Curso Técnico em Vigilância Sanitária e Saúde Ambiental. O trabalho diretamente com o aluno, as dificuldades em avaliar o processo ensino-aprendizagem, o papel de educador e as questões do trabalho causam-me grande inquietação.

A ETS Blumenau tem por objetivo ministrar ensino profissional na área da saúde (qualificação e formação), previsto pelo SUS, observadas a legislação e as normas especificamente aplicáveis para formar profissionais que possam desenvolver suas potencialidades cognitivas e sócio-afetivas, assumir suas responsabilidades como cidadão, participando do desenvolvimento sócio-econômico e cultural, e demonstrar atitude de respeito e valorização ao ser humano, condizente com os preceitos ético-legais da profissão, prosseguindo no seu desenvolvimento integral, desempenhando suas atividades com responsabilidade, justiça e competência, no âmbito público e privado (ESCOLA TÉCNICA DE SAÚDE – ETS, 2007).

Deparar-me com essa nova concepção de educação, ou seja, o ensino por competências e utilizando uma metodologia bem diferenciada daquela em que tive no processo de minha formação, tem sido bem angustiante, pelo menos para mim, na medida em que o novo traz apreensão, tira-me do lugar seguro, obriga-me a vislumbrar outras possibilidades além daquelas usualmente vistas e trabalhadas.

Ao estudarmos o processo histórico de transformação do modelo de assistência e atenção à saúde e a incorporação de recursos humanos na área, verificamos que nos encontramos em processo de mudança constante. Os profissionais da área da saúde que enfrentam o mundo moderno devem estar preparados para o trabalho e para o exercício da cidadania e não formados para um posto de trabalho que exige “executores de tarefas”. A nova educação profissional precisa formar o trabalhador pensante e flexível, num mundo de tecnologias continuamente em avanço.

É necessário que tenhamos conhecimento sobre o profissional com o qual trabalhamos, como é seu processo de trabalho, que tipos de abordagens serão mais eficientes e que atenderão as necessidades do serviço e também definir as formas de avaliação que utilizaremos, com o objetivo de avaliar a efetividade no processo de ensino aprendizagem.

Estudar os aspectos do universo da atuação e do papel da Escola Técnica de Saúde de Blumenau (ETS-Blumenau) foi meu foco, buscando compreender o processo de formação e sua articulação com a prática, tendo como questão norteadora: **‘Qual a estrutura do processo formativo no curso Técnico em**

## **Vigilância Sanitária e Saúde Ambiental, da Escola Técnica de Saúde de Blumenau’?**

As hipóteses que poderiam responder a esta questão, de acordo com minha experiência foram:

a) A prática de vigilância em saúde ainda ocorre como uma proposta de caráter fiscalizatório e punitivo, o que dificulta sua discussão e aplicação na prática docente;

b) A proposta da ETS-Blumenau na forma modular desenvolvida por professores de diferentes áreas, com dificuldades de articulação com a prática dos serviços e de capacitação pedagógica, podem ser fatores para fragilidades do processo de ensino aprendizagem.

Para compreender se estas afirmações foram concretizadas e de que forma, propuz os objetivos a seguir.

### **1.1 OBJETIVOS**

#### **1.1.1 Objetivo geral**

Compreender e interpretar o processo ensino-aprendizagem no Curso Técnico em Vigilância Sanitária e Saúde Ambiental, da ETS- Blumenau, a partir da análise de conceitos do processo de trabalho na perspectiva do materialismo histórico.

#### **1.1.2 Objetivos específicos**

- Caracterizar o processo ensino-aprendizagem no Curso Técnico em Vigilância Sanitária e Saúde Ambiental, a partir dos conceitos do processo de trabalho;
- Identificar os fatores que facilitam ou dificultam o processo ensino aprendizagem;

- Identificar de que modo a metodologia utilizada pela ETS-Blumenau, como instrumento de trabalho, influencia no processo ensino-aprendizagem.



## 2 BASES TEÓRICAS

Os fundamentos teóricos que sustentaram esta pesquisa são apresentados nos termos de três conceitos, os quais permitirão a compreensão de algumas questões no desenvolvimento da pesquisa, ou seja 'processo de trabalho', 'processo formativo' e 'Vigilância em Saúde'.

### 2.1 PROCESSO DE TRABALHO

O ser humano, em seu desenvolvimento histórico, teve o trabalho radicalmente vinculado aos padrões sociais vigentes, tornando-se um fator decisivo no rumo que a humanidade tomou e na forma como ela evoluiu. Trabalho este que deve ser entendido em suas dimensões mais complexas, e que viabilizam a existência humana.

A decisão de estudar a Teoria do processo de trabalho, neste estudo, embora assuma os conceitos de Marx e Engels (1984) sobre o tema, envolveu uma escolha filosófica sobre o Materialismo Histórico, mas com uma aproximação inicial ao tema.

Para eles, "o trabalho é um processo de que participa o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza" (MARX e ENGELS, 1984, p. 202), de maneira inteligente, projetando na ação o que já havia pensado em sua mente. Continua o autor dizendo que, no final do processo de trabalho, produz-se alguma coisa que já estava em sua consciência na forma de um projeto.

Comentam Marx; Engels (1984, p. 202) que o processo de trabalho contém como seus elementos constitutivos:

A atividade adequada a um fim, isto é o próprio trabalho, a matéria a que se aplica o trabalho, o objeto de trabalho e os meios de trabalho, o instrumental. O ser humano, ao executar um trabalho, põe em movimento suas forças, suas energias psíquicas e físicas, sua força de trabalho.

Então, toda atividade humana torna-se trabalho, incluindo as ações de ensino. Faz-se necessário trazer à discussão o processo de trabalho pedagógico enquanto processo característico na prestação de serviços, pois é algo não palpável e,

portanto, indefinido como produto ao final do processo, diferentemente de um processo de manufatura de um calçado, em que ao final temos o calçado pronto. Casagrande (2001) diz que

a educação lida, fundamentalmente com o conhecimento que é produzido e apropriado nas relações humanas vitais, no processo de trabalho. [...] enquanto objetivação humana, o conhecimento é uma produção coletiva, inserida criativamente na história dos povos que, em diferentes épocas e em diferentes configurações sócio-econômicas, políticas e culturais, responderam de maneira específica aos desafios colocados para a formação humana.

Veiga (1994, *apud* CASAGRANDE, 2001) considera a prática pedagógica como uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, e inserida no contexto da prática social, na realidade concreta da escola e determinantes sociais que a circundam.

Assim, o processo ensino-aprendizagem num curso de formação profissional é um processo de trabalho, podendo ter inúmeras características, dentre as quais a utilização de uma metodologia determinada, de um programa curricular que precisa ser adequado às necessidades dos serviços que são prestados socialmente.

A docência é, portanto, construção específica de um processo de trabalho geral, apoiada na idéia abstrata de trabalho, com as características gerais do trabalho humano, em que se verifica a definição prévia e intencional de um objetivo dirigido a uma necessidade, a identificação de instrumentos, a organização de um dado fazer através de meios ou métodos, em uma articulação particular capaz de realizar resultado ou um produto identificável.

Para Saviani (2007), trabalho e educação são atividades especificamente humanas. Isso significa que, rigorosamente falando, apenas o ser humano trabalha e educa. Sendo assim, o que faz com que o ser humano possa realizar atividades de trabalho e educação? Em essência, o que nos faz executar estas ações, ambas socialmente determinadas?

Pensando o trabalho como um esforço organizado para o desenvolvimento de uma ação, para o suprimento de uma necessidade, neste caso a formação profissional, o processo ensino-aprendizagem não é um aprender e ensinar

dissociados, ações diferentes e separadas, mas são aspectos de um mesmo trabalho, sob focos diferenciados, o do aluno e o do professor.

Baseia-se nas relações entre seres humanos, sendo, portanto um processo em constante construção, em que há necessidade de troca, diálogo e contratos estabelecidos para o desenvolvimento da ação educativa.

É, pois, um trabalho-serviço, que tem como exigência fundamental uma relação pessoal entre trabalhador e objeto de trabalho, tal como acontece na assistência em saúde. Analisando seus componentes, temos que dar especial atenção às necessidades, aos instrumentos de trabalho, ao objeto de trabalho, à força de trabalho, e à finalidade.

A **necessidade** é o que move o próprio processo de trabalho, ou seja, “a ação é dirigida para satisfazer a necessidade presente”. (MARX; ENGELS, 1984, p. 202-208). **Instrumento de trabalho** é, segundo Marx e Engels (1984, p.203), “uma coisa ou um complexo de coisas que o trabalhador insere entre si mesmo e o objeto de trabalho e lhe serve para dirigir sua atividade sobre o objeto”. Neste sentido, ferramentas, métodos e o local de trabalho são instrumentos que permitem ao trabalhador executar a ação de acordo com a sua finalidade.

As metodologias ativas de aprendizagem foram se tornando cada vez mais utilizadas ao invés de metodologias tradicionais, apenas de repasse de conteúdo, em conseqüência de um novo paradigma dirigido para a necessidade de transformação do sujeito, tornando-se necessário possibilitar-se ser ativo já no processo formativo. Um dos instrumentos de trabalho da educação é o método de ensino, e, em nosso caso é a Metodologia problematizadora, como proposta adequada a esta finalidade.

A metodologia da problematização, porém, é uma ferramenta de trabalho no processo ensino-aprendizagem, que pode ou não possibilitar ao ser humano libertar-se de seus opressores e se emancipar, para sua *humanização*. Em 1982, Bordenave, utilizando o esquema de trabalho proposto como Método do Arco, de Charles Maguerez, conforme Berbel (1999), afirmou que é possível encontrar

um caminho metodológico capaz de orientar a prática pedagógica de um educador preocupado com o desenvolvimento de seus alunos e com sua autonomia intelectual, visando o pensamento crítico e criativo e também a preparação para uma atuação política.

Assim, a metodologia problematizadora, tendo esta posição, objetiva desenvolver a capacidade dos alunos em detectar os problemas reais que os cercam, buscando soluções a partir desta visão, favorecendo a que sejam agentes ativos da transformação social, não separando a evolução pessoal daquela desenvolvida pelo grupo.

Ajudar a fazer emergir o novo cidadão (o cidadão necessário no aluno), conforme Pimenta (1991) significa formá-lo com capacidade para ter uma inserção social crítica/transformadora na sociedade em que vive, para que se torne verdadeiramente uma sociedade civilizada, fruto e obra do trabalho humano, cujo elevado progresso evidencie as riquezas que a condição humana pode desfrutar.

Porém, há certas peculiaridades do trabalho em saúde que podemos assumir também para a educação, ou seja, segundo Pires (1999), o fato de que:

é majoritariamente um trabalho coletivo, por sua complexidade e pela complexidade dos problemas a serem trabalhados, exigindo um conjunto de ações por parte dos trabalhadores de saúde que atendam suas especificidades e ao mesmo tempo suas totalidades.

Da mesma maneira, a educação é trabalho coletivo e sua finalidade só pode ser alcançada se os participantes puderem estabelecer objetivos comuns.

O aprendiz pode ser tomado como objeto de Trabalho no ensino, ainda que suas características sejam muito diferentes daquelas encontradas em objetos materiais. “O objeto de trabalho é aquilo sobre o que se realiza um trabalho, para transformá-lo em algo diferente, para que se torne o produto.” (MARX e ENGELS, 1984, p. 202).

Porém, a diferença entre objetos materiais e o ser humano como objeto de trabalho é basicamente o fato de que este não se torna produto, tal como acontece quando trabalhamos sobre um objeto físico, porquanto o trabalho realizado é consumido no mesmo momento de sua produção, ou seja, é um serviço.

Sua peculiaridade é que tanto se pode trabalhar sobre seu corpo quanto sobre sua consciência. Quando se faz educação, por exemplo, há uma mobilização de recursos para mudança de sua consciência, de modo que temos aqui um objeto extremamente sensível à manipulação, à sujeição, à dominação.

Segundo Tardiff (2007, p. 128),

os professores não buscam somente realizar objetivos: eles atuam, também sobre um objeto. O objeto de trabalho dos professores são seres humanos individualizados e socializados ao mesmo tempo. As relações que lê estabelecem com seu objeto de trabalho são, portanto, relações humanas, relações individuais e sociais ao mesmo tempo.

Para tanto, os professores precisam levar em conta a individualidade do seu objeto de trabalho, respeitando a heterogeneidade do grupo e, portanto, as soluções dos problemas não são gerais, universais, globais, mas são caracteristicamente complexas, individuais, únicas e particulares.

Outra característica a ser levada em conta no trabalho docente com este objeto tão único é a sociabilidade dos alunos, ou seja, são seres que vivem numa sociedade com características peculiares, despertando atitudes e julgamentos de valor.

Por fim, o trabalho docente tem uma natureza extremamente delicada e implica na necessidade de postura eticamente condizente com os princípios de justiça, beneficência e preservação da autonomia de cada participante.

Podemos, ainda pensando nos componentes do processo de trabalho, definir o docente como aquele trabalhador que dispõe de sua força de trabalho, quais sejam suas aptidões físicas e intelectuais e que, no caso do curso TVSSA, deveria ter uma maior identificação com as questões relacionadas à proposta de Vigilância em Saúde, para aproximar o conteúdo e o plano prático, pois, do contrário, o professor pode ficar falando de coisas que não serão necessariamente úteis na prática, nas atividades a serem desenvolvidas pelo aluno em seu campo de ação.

Para Marx e Engels (1984, p. 187) o conceito de força de trabalho, é expressa como “o conjunto das faculdades físicas e mentais, existentes no corpo e na personalidade viva de um ser humano, as quais ele põe em ação [...]”

A falta de qualificação específica dentre os professores pode contribuir decisivamente para que não se alcance a finalidade proposta no processo ensino-aprendizagem, pois eles não conseguirão fazer a aproximação com a realidade e, de outro lado, estabelecer um processo de teorização coerente sobre a prática do aluno.

Contudo, considerando que a Força de Trabalho é uma composição das aptidões físicas e intelectuais do trabalhador, a qualificação docente pode propiciar, inclusive, um movimento de reestruturação do próprio trabalho em si.

Falando da aptidão física, trata-se da capacidade de manter-se em ação durante o processo ensino-aprendizagem com disponibilidade, atenção, concentração e a aptidão intelectual é justamente seu conhecimento sobre um determinado tema ou sobre um modo de fazer o trabalho.

Muito se tem discutido sobre o papel do professor, mas, sem dúvida, o grande desafio em nosso tempo é a alteração no processo de trabalho, a sua precarização, o aumento da jornada de trabalho, questões de riscos, acidentes, ameaças, agressões.

O trabalho docente não é somente o de executar tarefas, vistas as características peculiares em seu processo e objeto de trabalho, e, enquanto ação instrumental, não pode ser separada dos objetivos propostos, nem das implicações éticas. O professor deve estar sempre construindo seu espaço pedagógico de trabalho, respeitando as características de seu cotidiano e de seus alunos, suas complexidades e especificidades.

Ainda em Marx e Engels (1984, p. 205), vemos que

no processo de trabalho, a atividade do homem opera uma transformação, subordinada a um determinado fim, no objeto sobre o que atua por meio de um instrumental de trabalho. O processo extingue-se ao concluir-se o produto.

Nestes termos, podemos dizer que em uma escola, a transformação desejada é que o aprendiz atinja as competências propostas pela formação, do primeiro nível à universidade e pós-graduação, sendo esta a sua finalidade.

Contudo, a finalidade do trabalho entendida como intenção subjetiva, pode não estar sempre posta, podendo ser diferente do fim que se propõe na realidade (VAZ, 1999), como intenção coletiva. Isto significa que é possível haver finalidades não explícitas, quando realizamos um trabalho, tais como, por exemplo, além da formação de competências técnicas de um trabalhador, um curso pode ter uma finalidade política de cumprir planos de governo.

No caso de um projeto educacional como será analisado neste estudo, pode-se reiterar que sua finalidade expressa é a formação técnica competente para um determinado trabalho. Para Marques (2002, p. 19),

a adoção do modelo de competências para a formação profissional de nível técnico em saúde deve levar em conta que as competências profissionais são construídas pelos próprios trabalhadores, como sujeitos deste processo e que tanto os espaços formativos quanto as organizações de trabalho deverão se constituir em instâncias qualificadoras, propiciando aos alunos condições de participação, de diálogo, de negociação e de intervenção.

Saviani (2003) diz que uma concepção de politecnia postula que o processo de trabalho desenvolva, em uma unidade indissolúvel, os aspectos manuais e intelectuais, pois são características do trabalho humano. Significa que a finalidade de um processo de trabalho pedagógico é o preparo do educando para o trabalho futuro que irá realizar, devendo incluir competências práticas e intelectuais.

A noção de competências é de tal forma polissêmica que poderíamos arrolar aqui um conjunto de definições a ela conferidas. Uma delas afirma que

é o conjunto de conhecimentos, qualidades, capacidades e aptidões que habilitam o sujeito para a discussão, a consulta, a decisão de tudo que concerne a um ofício, supondo conhecimentos teóricos fundamentados, acompanhados das qualidades e da capacidade que permitem executar as decisões sugeridas (RAMOS, 2001).

A pedagogia das competências reconfigura o papel da escola, porque, como o compreendo objetiva mais claramente a finalidade das atividades docentes e institucionais de uma escola, porque, ao aproximar-se do mundo do aluno, e, portanto, do mundo do trabalho e das práticas em saúde, permite, além da troca de conhecimento, que este encontre o verdadeiro sentido da necessidade da capacitação.

É necessário pensar no processo ensino-aprendizagem como um processo social, que, segundo Correa (2005), é, ao mesmo tempo, educativo e cultural, no qual todos os envolvidos precisam ter consciência de sua responsabilidade e da necessidade de romper com o pensamento hegemônico.

A utilização da modalidade de educação integrando ensino-serviço busca transpor a dicotomia entre formação e trabalho, pois o que normalmente acontece é que as escolas formam técnicos sem levar em conta as necessidades dos serviços, de modo que, usualmente, este aluno sai desse processo e é lançado numa realidade que ele não reconhece, tendo extrema dificuldade em se tornar parte dela.

Esta articulação não é simples nem automática, é necessário compreender o processo educacional para além do saber pronto, ou seja, o professor não será um mero repassador de informações, pois deve romper com a concepção não inclusiva de negação da identidade e especificidade de cada um. Também é necessário perceber como estão organizados os serviços e suas concepções, para que o processo educacional não seja só um complemento.

Assim, contrapondo-se à tradição, há propostas que se assentam na compreensão desses processos como síntese e expressão do conjunto das relações sociais, portanto imbricados entre si e com todos os demais processos que impactam o mundo do trabalho e da educação enquanto processos dinâmicos, definidores da modernização e do desenvolvimento das sociedades.

Na tentativa de superar tudo isto, a possibilidade de integração ensino-serviço vem tomando forma a cada dia, nas instituições formadoras de nosso país. Esse caminhar ainda é longo, mas já existem experiências que tiveram êxito em muitos lugares.

### **2.1.1 Vigilância sanitária e a formação de recursos humanos**

O desenvolvimento de ações de Vigilância Sanitária no Brasil não é algo novo. Data do início do século XVI, embora não com esta terminologia, ainda que para propiciar ambientes mais adequados à condição humana e, principalmente, para assegurar a compra e venda de produtos sem contaminação, “normas estas que seguiam as leis e costumes portugueses, que regulamentavam as profissões, aplicavam medidas saneadoras e também faziam a cobrança de impostos.” (CUNHA, 2007, p.8).

Para Bueno (2005),

a história da Vigilância Sanitária brasileira é a história do país, a história do medo da doença e da morte, um relato de tragédias e



heroísmos, de conquistas, desafios e perdas, uma espécie de certificado de resistência às atrocidades do poder, à ignorância dos governantes, ao descaso das autoridades sanitárias.

No século XVIII, surge o conceito de polícia médica, ou segundo Rosen (1994, p.100),

‘Polizeiweissenschaft’, a ciência da polícia, e o ramo do campo da administração da Saúde Pública recebeu a designação de ‘Medizinalpolizei’, ou Polícia Médica [...em que] a finalidade própria do governo seria a de estabelecer ordenações capazes de assegurar o bem-estar da terra e do povo.

Isso acabou trazendo reflexos para os dias atuais, principalmente influenciando as concepções de vigilância, ora elitista e autoritária, ora democrática e dialógica, o que gera conflitos, quando se busca entender saúde de forma ampliada e, também, a atuação dos sujeitos envolvidos, sejam trabalhadores, gestores ou usuários, para que aconteça de forma reflexiva, cidadã e transformadora da realidade.

Na medida em que hoje há uma grande complexidade do conhecimento, segundo Morin (2002) temos dois grandes desafios: saber fragmentado e os problemas cada vez mais complexos, transversais, poli-disciplinares e trans-disciplinares. Para ele, a inteligência que só sabe separar, espedaça o complexo do mundo em fragmentos desconjuntados, fraciona os problemas e é incapaz de encarar o contexto e o complexo, torna-se cega e irresponsável. (MORIN, 2002).

Para Luchese (2008, p. 65),

a Vigilância Sanitária também pode ser concebida como um espaço de exercício da cidadania e do controle social, por sua capacidade transformadora da qualidade dos produtos, dos processos e das relações sociais [...]. No âmbito do SUS, a vigilância sanitária representa um poderoso mecanismo para articular poderes e níveis de governo, e impulsionar ações e movimentos de participação social.

Este espaço, ainda pouco discutido principalmente na área da Vigilância, parece ser um novo cenário de práticas que os gestores buscam para uma transformação do papel desta área, até agora bastante regulador e fiscalizatório.

Este fenômeno traduz o que foi marcado na história da Saúde Pública, esta dicotomia entre prevenção e cura, entre saúde e doença e que se reflete marcadamente na história da Vigilância Sanitária. Teixeira e Costa (2003, p.1) dizem que

o SUS é hoje, não apenas um sonho transformado em proposta pelos idealizadores do movimento pela Reforma Sanitária, e sim um projeto político para a Saúde que se consolidou na Constituição e na Lei Orgânica da Saúde – LOS (nº 8080/90 e n.º 8142/90) e sim um sistema de saúde em construção ainda inacabado, incompleto, com problemas a serem resolvidos e desafios a serem enfrentados para a concretização dos seus princípios e diretrizes.

O que está posto hoje é a necessidade de mudanças nos programas de atenção à saúde até agora implantados, visto não darem conta de oferecerem respostas efetivas aos problemas da população. Muitas propostas têm surgido, e entre elas a de Vigilância em Saúde, que tem como um de seus objetivos integrarem as ações de prevenção de doenças e agravos e minimizar os riscos oriundos das principais atividades seja comerciais, industriais ou controle de portos, aeroportos e fronteiras. No processo de

descentralização e implantação das ações no municípios vem sendo acompanhado pela organização de novas práticas, especialmente no plano federal e alguns poucos estados, e do esforço político para efetivar as propostas de integração das ações de vigilância no conjunto das ações de saúde e de outros âmbitos setoriais (meio ambiente, agricultura), de articulação com a Universidade, visando fomentar a pesquisa da temática e a formação de recursos humanos e docentes, iniciando-se, embora debilmente, a articulação entre população (ações de informação e comunicação, aproximação com os Conselhos de Saúde), visando contribuir no processo de formação da consciência sanitária no tocante as questões da área de vigilância (TEIXEIRA e COSTA, 2003, p. 1).

A Vigilância Sanitária, em razão de suas ações desenvolvidas, normativa e fiscalizadora, sobre os serviços oferecidos à comunidade, produtos, materiais e equipamentos para a área de saúde e de alimentos, análise e prevenção de risco, ou seja, ações de caráter regulatório têm importante papel na estruturação do Sistema Único de Saúde. (LUCHESE, 2008).

Os Pactos pela Vida e em Defesa do SUS e de Gestão vêm trazer subsídios para que os municípios possam consolidar os princípios do SUS e assim garantir

uma assistência de qualidade, bem como propiciar formação, capacitação e qualificação para os servidores do sistema.

Assim, a formação de recursos humanos para atuação na Vigilância Sanitária torna-se um desafio com múltiplas faces, desde a questão puramente epistemológica da busca e utilização do conhecimento, até a forma como os educandos podem corresponder aos desafios da complexidade das demandas sociais e políticas aí encontrados (TEIXEIRA e COSTA, 2003)

Por outro lado, para a superação do paradigma da polícia sanitária, é preciso fazer-se

a incorporação da proposta de Vigilância da saúde pelos profissionais e trabalhadores que atuam nesse espaço implica mudanças no seu processo de trabalho e nas relações que mantém com outros profissionais e trabalhadores e, sobretudo, nas relações que mantém com os usuários do sistema e com a população. Desse modo, a Vigilância em Saúde precisa ser construída com participação ativa dos profissionais, trabalhadores de saúde e da própria população, na medida em que requer mudança na forma de pensar e agir com relação à saúde e sua promoção, proteção e recuperação no plano individual e coletivo. Como prática social exige o engajamento dos sujeitos interessados em refletir criticamente suas concepções e práticas de modo a reelaborar, continuamente, suas idéias, noções e conceitos acerca da saúde, seja enquanto 'estado de saúde' individual ou coletivo, seja enquanto práticas de saúde, ações, serviços e sistema de saúde. (TEIXEIRA e COSTA, 2003).

Dentre alguns aspectos acerca das dificuldades encontradas pelos dirigentes das Vigilâncias Sanitárias, Costa e Souto (2001) apontam para alguns problemas como:

- qualificação de pessoal;
- escassez de recursos humanos e financeiros;
- autonomia administrativa;
- interferência política nas questões;
- desconhecimento da legislação.

Em oficina realizada no VI Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, em 2001, um dos temas centrais foi formação e qualificação de recursos humanos na área da Vigilância, e na conclusão dos trabalhos houve algumas deliberações, entre elas:

Construir, em conjunto e de acordo com os interesses de cada nível de gestão, um programa de capacitação vinculado e apoiado no sistema de educação, abrangendo instituições de ensino e pesquisa, escolas de saúde, centros de estudos, entre outros; Integrar o desenvolvimento de recursos humanos em Vigilância Sanitária à política de recursos humanos (RH) do SUS, com ênfase em duas dimensões: a relativa ao planejamento, definição de perfil profissional e adequação funcional das equipes de trabalho; e a dimensão vinculada aos processos específicos de capacitação e educação continuada; Criar mecanismos, possibilidades políticas e operacionais ao desenvolvimento de recursos humanos como componente fundamental e estratégico de efetivação do Sistema Nacional de Vigilância Sanitária; Sistematizar a função de desenvolvimento de recursos humanos em Vigilância Sanitária como atividade-meio às ações finalísticas de controle e proteção da saúde, nas várias áreas que formam o espectro de atuação de Vigilância Sanitária, com competências específicas em cada um dos níveis do Sistema Nacional de Vigilância Sanitária (COSTA e SOUTO, 2001).

## 2.2 PROCESSO FORMATIVO

A preparação de recursos humanos para a atuação no Sistema Único de Saúde enfrenta, hoje, diversos desafios, além da necessidade de atingir um grande e variado número de profissionais num país de dimensões continentais como o Brasil, também necessita atender a características regionais e também promover a formação para uma atuação reflexiva, cidadã e emancipatória, cujo principal objetivo é o de transformação da realidade.

Para Mitre et al (2008), historicamente, a formação dos profissionais de saúde tem sido pautada no uso de metodologias conservadoras (ou tradicionais), sob forte influência do mecanicismo de inspiração cartesiana newtoniana, fragmentado e reducionista.

Esta, apesar dos avanços, ainda continua reafirmando as desigualdades do modelo social, ou seja, ainda usa a lógica tecnicista, a ênfase no saber e no saber-fazer, em detrimento do saber ser (SORDI e BAGNATO, 1998), por não garantir uma dimensão crítica, sem reconhecer como o modelo do capitalismo está posto em nossa sociedade.

Torna-se necessário discutir, avaliar e buscar novas formas de preparar estes trabalhadores para o desenvolvimento de ações *em saúde*. Inicialmente, é preciso definir com qual profissional estamos trabalhando, como é o seu processo de

trabalho, que tipo de abordagem deve ser feita, como avaliar a efetividade dessa ação educadora.

Ferreti e Silva Junior (2000) avaliam o documento que trata das Diretrizes Curriculares para a Educação Profissional de Nível Técnico, MEC/CNE (2000), dizendo que uma adequada compreensão da educação profissional

somente pode ocorrer se se levam em conta, de forma integrada, os contextos econômico, político e social. Esta afirmação parece-nos correta. A ela se segue uma a outra: a de que os múltiplos fatores que constituem esses contextos se inter-relacionam na educação profissional, uma vez que a LDB parte de um referencial que contempla as dimensões da educação, do trabalho, da ciência e da tecnologia (p. 5). Há aí pelo menos duas impropriedades. A primeira consiste em interpretar cada um desses contextos como um conjunto de fatores. A segunda reside na redução da complexidade de tais contextos e das relações que entre eles se estabelecem para suas particularidades, de um lado, representadas pelas dimensões citadas e, de outro, para a particularidade das relações entre tais dimensões (FERRETI e SILVA JUNIOR, 2000).

Repensar toda essa questão implica em analisar o processo ensino-aprendizagem, o papel do docente e do aluno, suas finalidades e que sujeitos queremos inseridos em todo este processo. Precisamos definir claramente que profissional queremos inseridos nos serviços de saúde de nossos municípios.

Considerando que há relações entre educação, qualificação profissional e tecnologia, o processo formativo deverá estabelecer claramente para qual contexto estamos produzindo educação técnica, em termos de mercado de trabalho, sim, mas também em termos das necessidades apresentadas na comunidade na qual será implantada. Deluiz (2001, p. 40) propõe

que a adoção do modelo de competências no mundo do trabalho traz, no entanto, implicações contraditórias para o trabalhador. Porém tem seus aspectos positivos, [...] que são a adoção de um caráter mais intelectualizado, menos prescritivo, valorizando os saberes em ação.

Reflete, ainda, sobre confusão conceitual entre competências e habilidades, ou seja,

[...] a identificação das competências, das habilidades e das bases tecnológicas, feita de forma separada, nas matrizes de referência das áreas profissionais, converte-se, portanto em uma incoerência teórico metodológica (DELUÍZ, 2001, p. 40).

Tanto o docente quanto a equipe, à frente de uma formação profissional tem que ter bem claro todos esses aspectos conceituais, filosóficos e metodológicos, evitando as incongruências que influenciam no aspecto processual da aprendizagem.

A formação docente é um aspecto essencial para a qualidade da educação. Para Hernandez (1998, p. 1), “os problemas surgem quando se avalia se houve transposição didática (ou não) [...] Ou em que medida a formação docente produz com segurança, uma mudança nas práticas de ensino.”

A forma como essa capacitação ocorre e está estruturada influencia sobremaneira o resultado a ser atingido. Devemos pensar no docente como um profissional competente, reflexivo e aberto.

Ou seja, enquanto equipe pedagógica estamos pensando no docente como alguém sem nenhum conhecimento, isento de qualquer prática pedagógica e que temos que nutri-los com a formação que planejamos para, de um momento para outro, transformá-los num professor adequado ao nosso objetivo. Muitas vezes nem aplicamos a metodologia dentro da formação docente, momento este ímpar para aliar a prática à teoria.

Outro aspecto a ser discutido é a questão da avaliação, que, para Vasconcellos (1998, p. 17) assume um caráter transformador e não de mera “constatação e classificação, antes de tudo deve estar comprometida com a promoção da aprendizagem e desenvolvimento por parte dos alunos. Este é o seu sentido mais radical, é o que justifica sua existência no processo educativo.”

Finalizando, acompanho Morin (2002) quando diz que o conhecimento do conhecimento, que comporta a integração do conhecedor em seu conhecimento, deve ser, para a educação, um princípio e uma necessidade permanentes.

### 3 METODOLOGIA

A abordagem qualitativa foi escolhida em virtude da necessidade de aprofundarmos a compreensão sobre este tema, por meio de processos exploratórios e descritivos da realidade.

Segundo Victoria; Knauth; Hassen (2000), um dos pressupostos da metodologia qualitativa é que ela parte do mundo real e seu reconhecimento, e que este só existe de fato a partir do momento em que fazemos parte dele, e o outro é a constituídos dos micro-processos da sociedade e sua multiplicidade com suas especificidades e temporalidades, compondo, assim, a realidade. Portanto, para entender este contexto, torna-se necessária uma abordagem em profundidade, além da busca da compreensão de todos esses processos.

Por outro lado, segundo Polit; Beck; Hungler (2004), os estudos qualitativos usam amostras pequenas, não aleatórias, pois os critérios a serem utilizados estão baseados nos melhores informantes sobre a questão a ser estudada.

O local escolhido para o estudo foi a Meso-região do Vale do Itajaí, composta por municípios da AMMVI (Associação dos Municípios do Médio Vale do Rio Itajaí) e AMFRI (Associação dos Municípios da Foz do Rio Itajaí), por ser este o local de onde os participantes dos cursos da ETS-Blumenau são oriundos. Esta macro-região tem como característica ter municípios de pequeno porte e médio porte, com serviços de vigilância sanitária implantados, executando principalmente ações básicas de saúde.

Os sujeitos escolhidos para o estudo foram um docente que atuou nas turmas do curso Técnico em Vigilância Sanitária e Saúde Ambiental, oferecido pela Escola Técnica de Saúde, egressos destas turmas e os respectivos gestores dos serviços de Vigilância Sanitária da Meso-região do Vale do Itajaí.

A amostra foi composta por metade dos egressos que estavam atuando efetivamente nos serviços de Vigilância Sanitária. Em levantamento realizado pela Escola, temos cerca de 40 (quarenta) profissionais atuando. Inicialmente, foi realizada uma entrevista com estes egressos e seus respectivos gestores, seguindo um roteiro que se encontra em anexo, cuja duração variou entre vinte e quarenta minutos, para o egresso e o gestor. Com o professor, cada uma das quatro

entrevistas realizadas durou em média cinqüenta minutos. Todas foram previamente agendadas e realizadas no espaço definido pelo entrevistado.

O pesquisador deslocou-se a cada local, munido de equipamento de gravação, dos documentos para autorização do estudo e, após os esclarecimentos iniciais, as entrevistas foram realizadas satisfatoriamente. Posteriormente as transcrições foram encaminhadas via e-mail, para leitura dos informantes, correções e posterior aprovação.

Para as entrevistas do estudo de caso o docente selecionado foi aquele que tinha atuado nas turmas oferecidas pela escola Técnica de Saúde, constituindo o caso em estudo. O estudo de caso foi escolhido por permitir aprofundar a investigação necessária a esta pesquisa, pois contribui de forma inigualável para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos (YIN, 2001). Contudo, não tive a profundidade desejada por motivos apresentados a seguir.

Com o informante docente, utilizei um roteiro inicial com dados de identificação, tempo de atuação, projetos desenvolvidos, experiência profissional, com uma entrevista inicial para aprofundamento em alguma questão a critério do entrevistado e posteriormente foram incluídos outros itens com relevância para este estudo. Esta entrevista inicial foi realizada em espaço reservado na Escola Técnica de Saúde a pedido do entrevistado, onde a privacidade e o sigilo foram preservados. Todas foram agendadas previamente, mas devido a dificuldades do docente, por atuar como gestor de um serviço público, ficou combinado que no dia anterior seria confirmada via contato telefônico.

Os encontros subseqüentes foram agendados com o docente semanalmente e confirmados no dia anterior. Além da gravação em fita cassete, houve também registro em diário de campo, para facilitar a posterior transcrição e organização dos dados.

Na coleta de dados com o docente, definimos que em cada encontro abordaríamos um dos temas propostos pela pesquisa, mas, constantemente, o entrevistado trazia assuntos recorrentes, por se tratar, talvez, de sua ansiedade maior, devido às suas necessidades enquanto gestor. Então, tornou-se necessário resgatar constantemente os temas, com o objetivo de aprofundar a discussão, mas ao final das transcrições, percebi que alguns temas foram pouco comentados pelo



entrevistado. Tentamos várias opções para aprofundar a discussão, inclusive encaminhando as transcrições para que o mesmo pudesse lê-las e, se necessário, acrescentar ou corrigir, fato que não ocorreu.

A validação dos dados foi feita durante a própria entrevista, por meio de perguntas ao entrevistado, no sentido de confirmar ou não o entendimento sobre a sua fala. Além disto, buscando aprofundar a validade e fidedignidade do estudo, fiz uma triangulação de dados, com comparação entre os dados dos três grupos de informantes.

Após a coleta, os dados foram organizados por fonte (docente, egresso e gestor) e todas as entrevistas gravadas foram transcritas. Cada informante recebeu um código na entrevista para facilitar a organização, ou seja, o docente recebeu o código D, o egresso E, numerado conforme a ordem das entrevistas, e o gestor, a letra G e numeração, na ordem das entrevistas.

Antes das entrevistas com o docente, buscamos manter um contato mais próximo, tentando criar um vínculo que possibilitasse uma troca de informações consistentes, identificando conflitos, histórias, novidades, e suas falas em seu relato foram relacionadas com as falas dos egressos. Os dados do docente foram descritos e relatados de forma narrativa e permeando o processo reflexivo, de vez em quando pontuando alguma fala dos alunos, refletindo o processo de trabalho formativo.

O processo de análise de conteúdo foi adequado para estabelecer, nas falas das pessoas, alguma forma de sistematização, sob a forma de categorias, dependendo do interesse para a pesquisa ou quanto aquele dado foi significativo para responder as questões formuladas.

Os temas foram categorizados pela semelhança das informações, de acordo com as categorias do processo de trabalho, além de outras categorias que não estavam pensadas. As categorias do processo de trabalho que definiram a organização dos dados foram: Necessidades do trabalho, instrumentos de trabalho, objeto de trabalho, finalidades do trabalho e força do trabalho.

Independentemente da escolha da técnica a ser utilizada para a análise de conteúdo, três pontos são essenciais:

- Pré-análise, que inclui a leitura flutuante, com o objetivo de tornar o conteúdo mais claro para o pesquisador, a escolha dos documentos a serem

analisados e a formulação de hipóteses e dos objetivos, referência e elaboração de indicadores e a preparação do material;

- Exploração do material, ou seja, a codificação do material coletado e;
- Tratamento e interpretação dos resultados (RODRIGUES, 1999).

Para o desenvolvimento deste estudo, os participantes da pesquisa foram orientados quanto aos objetivos e a metodologia do trabalho, sendo-lhes apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para que ficassem cientes sobre o interesse da realização da pesquisa, conforme ensina Fontinele Júnior (2003), seguindo a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamenta pesquisa envolvendo seres humanos. O termo foi firmado para se manter em sigilo os dados de identificação do cliente, bem como da instituição e o compromisso de remeter os resultados deste estudo à instituição que participou do estudo.

O Termo de Consentimento de dados e os instrumentos de pesquisa esclareceram as seguintes questões aos participantes:

- A justificativa, objetivos e os procedimentos que serão utilizados na pesquisa;
- os desconfortos, possíveis riscos e benefícios esperados;
- os métodos alternativos existentes;
- a garantia de esclarecimentos, antes e durante o curso da pesquisa, sobre a metodologia;
- a garantia do anonimato e sigilo;
- a liberdade de participar ou declinar de sua participação no momento que desejar;
- a honestidade nos relatórios finais;
- o respeito aos valores culturais, sociais, morais e religiosos.

O início da coleta de dados ocorreu somente após a aprovação da pesquisa pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos da UNIVALI, sob cadastro 20/09 de 27/02/2009.

## **4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS**

### **4.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO**

Neste estudo, como já apontado no capítulo da Metodologia, trabalhei numa abordagem qualitativa, com uma intenção de fazer a análise do problema na perspectiva do Materialismo Histórico, embora tenha consciência de minhas fragilidades em relação ao pensamento marxiano. Esta escolha deste caminho, porém, teve-se à compreensão de que era necessário buscar o conhecimento numa perspectiva histórica, cercado o objeto de estudo com a compreensão de algumas de suas mediações e correlações, como uma rica possibilidade para a possível explicação de fenômenos sociais (MINAYO, 2007).

A abordagem diversificada, que incluiu um estudo de caso, envolvendo um docente atuante nas turmas do curso oferecido pela Escola, objetivava buscar uma compreensão a partir das categorias do processo de trabalho descrito no Materialismo Histórico, considerando a possibilidade de entender como se dá o processo de ensino-aprendizagem no curso técnico em Vigilância Sanitária e Saúde Ambiental, porém, mesmo com os cuidados relativos à busca de informações, houve muita dificuldade na obtenção de dados que favorecessem uma análise mais profunda do processo de trabalho docente.

Mesmo assim, com o processo de categorização, muitas situações observadas na prática foram confirmadas, como veremos durante a descrição dos dados.

Além disto, a comparação com dados fornecidos pelos outros informantes permitiu uma triangulação de dados com inferências interessantes de entrevistas realizadas com egressos, bem como dos gestores participantes deste estudo. O objetivo principal era justamente buscar a confirmação ou não dos aspectos preponderantes observados e/ou levantados no estudo de caso.

Inicialmente, a coleta estava organizada para ser realizada com um número maior de sujeitos e de municípios, mas, em virtude de alguns acontecimentos, como

a restrição do tempo para a defesa da dissertação, que foi antecipada em três meses, optamos por manter uma maior variedade de municípios e um número menor de sujeitos, contemplando serviços desde aquele com menor complexidade até os mais complexos, com municípios com número menor de habitantes e de grande porte, onde o serviço de Vigilância Sanitária está mais bem estruturado.

A coleta dos dados ocorreu em três municípios da região do Vale do Itajaí, de onde eram oriundos os alunos que freqüentaram uma das três turmas do curso oferecido pela Escola, desde o ano de 1999, sendo a primeira turma em parceria com a EFOS (Escola de Formação em Saúde) da Secretaria Estadual de Saúde de Santa Catarina.

Todos os sujeitos foram selecionados a partir das listagens de matrícula nas turmas e dentre os que estavam atuando junto à Vigilância Sanitária, sendo realizado, então, um sorteio simples e depois, automaticamente, foram selecionados os gestores dos municípios onde os egressos selecionados atuavam.

Para o estudo de caso, a escolha do docente foi em razão de que tivesse atuado em mais que uma turma, tanto como professor nos momentos de concentração quanto nas atividades práticas, além de ter vasta experiência na área da Vigilância Sanitária.

Foram realizadas quatro entrevistas, com duração média de 45 minutos que foram transcritas e relidas para posterior categorização. Com as entrevistas do docente, foi feita uma lista das falas significativas e relacionadas ao tema proposto.

Nosso principal objetivo com este trabalho era identificar o processo de trabalho docente no curso Técnico em Vigilância Sanitária e Saúde Ambiental, para, a partir disto, propor alterações/modificações na estrutura e/ou condução do curso, bem como nas condições de trabalho, na tentativa de atender ao principal objetivo do curso, que é formar técnicos que atendam as especificidades do serviço de Vigilância, bem como atuem como cidadãos conscientes de seu papel na sociedade.

A metodologia delineada na proposta de pesquisa, ou seja, um estudo de caso e entrevistas semi-estruturadas mostrou-se, no decorrer da coleta, bastante pertinentes e adequadas para atender o objetivo. A meu ver, ficou prejudicada parcialmente pela questão do tempo, pois se fazia necessário aprofundar um pouco

mais, preferencialmente fazendo uma observação da atuação do docente em sala de aula, acompanhando mais de perto o processo ensino-aprendizagem.

#### 4.2 O DESVENDAMENTO DE UM TRABALHO NOVO

Após a transcrição de todas as entrevistas, realizamos a leitura flutuante de todas elas, buscando captar as falas mais significativas que foram recortadas e transferidas para um quadro que apresentaremos a seguir, formando as categorias que nortearam a análise desta pesquisa.

Primeiramente, caracterizo os sujeitos integrantes desta pesquisa, que dará uma idéia preliminar de qual campo partiram e como a proposta de formação está adequada à realidade que ora enfrentamos.

Participante	Idade	Sexo	Escolaridade	Atividade
E1G	42	Feminino	Pós graduação (mestrado)	Gestor
E2G	38	Masculino	Técnico - Graduação (Direito)	Gestor
E3G	31	Masculino	Graduação (Gestão Ambiental)	Gestor
E1E	29	Feminino	Técnico	Egresso
E2E	31	Feminino	Superior	Egresso
E3E	43	Feminino	Técnico	Egresso
E4E	34	Masculino	Técnico	Egresso
E5E	36	Masculino	Técnico	Egresso
E1D	42	Masculino	Superior (especialização)	Docente

**Quadro 1 – Caracterização dos participantes**

No início do processo de coleta de dados, houve necessidade da redução do número de participantes, fato este já esclarecido anteriormente, ficando, então, após o sorteio e definição do docente do estudo de caso, um grupo de nove participantes, sendo quatro do gênero feminino e cinco do masculino, fato que não ocorre normalmente, pois a Vigilância Sanitária é um serviço no qual atuam predominantemente profissionais homens.

A faixa etária dos entrevistados ficou entre 29 e 43 anos, com predominância de formação em ensino médio. Entre os gestores, só um deles tem nível superior

completo, e os outros dois estão cursando graduação de Direito e o outro de Gestão Ambiental.

#### 4.3 O PROCESSO DE TRABALHO DOCENTE EM VIGILÂNCIA SANITÁRIA E SAÚDE AMBIENTAL COMO CASO ESTUDADO

O Estudo de caso como técnica para coleta de dados deve permitir que se aprofunde um determinado tema com algum informante, e, no caso desta investigação, o propósito era saber como o docente escolhido pensava sobre seu trabalho.

Foram realizados quatro encontros para a coleta de dados junto ao docente selecionado para este estudo. Inicialmente, discutimos os temas do estudo proposto, as questões éticas e acordamos o melhor local e momento para as entrevistas. Em virtude das atividades profissionais do entrevistado, a opção foi pelo espaço da escola, onde poderíamos manter um diálogo mais aberto e sem interrupções.

A principal dificuldade encontrada para este estudo foi conseguir agendar as entrevistas e o total envolvimento do pesquisado. Em razão de suas atividades profissionais, tendo dois celulares que tocavam insistentemente, ele perdeu o foco da entrevista várias vezes. Sobre isto, por outro lado, não solicitei que desligasse o celular durante a entrevista, por constrangimento.

De acordo com suas informações, o docente tem formação universitária e especialização, exerce a profissão há dezoito anos e, atualmente, é diretor de um serviço de Vigilância em Saúde de um dos municípios da área de pesquisa. Sua experiência com a formação técnica teve início com a primeira turma do Curso Técnico em Vigilância Sanitária, além de ministrar palestras na área da Vigilância Sanitária, principalmente em manipulação de alimentos e zoonoses. Além disso, atua em consultório particular. Depois dos registros sobre formação, atividade profissional, idade e como chegou a ser professor da Escola, passamos a discutir sobre o tema proposto para a primeira entrevista, e, com o objetivo de situar melhor, iniciei perguntando sobre Vigilância Sanitária e qual o papel desta no Sistema Único de Saúde, buscando fazer um contraponto com o tipo de profissional que a Vigilância requer para efetivamente fazer acontecer o processo ensino-serviço.

Outro tema abordado foi a forma de inserção como docente na Escola Técnica de Saúde, pois refere ter sido chamado inicialmente para assumir uma disciplina na primeira turma do curso, que foi realizado em parceria com a Escola de Formação em Saúde (EFOS), da Secretaria Estadual de Saúde de Santa Catarina. Este curso ainda estava formatado na estrutura curricular de disciplinas e a Escola ainda não trabalhava com a Metodologia da Problematização. Portanto, o docente atuou em algumas disciplinas, como a de Zoonoses, e depois assumiu outros conteúdos. A partir daí, acabou criando um vínculo com a Escola. Outro ponto bastante enfatizado pelo professor foi a ajuda que prestou à coordenação do curso, no sentido de modificar objetivos e direcionar a ação dos professores para adequar às reais necessidades de conhecimento do aluno para sua atuação no dia-a-dia.

Enfatiza, ainda, a complexidade da ação no campo da Vigilância Sanitária, e da necessidade de atuação de uma equipe multiprofissional de nível superior suprindo as carências do profissional de nível médio.

Foi abordada, ainda, a discussão sobre a Vigilância em Saúde, um conceito relativamente novo na discussão de Saúde Pública, mas que reorienta as ações tanto dos serviços de Vigilância Sanitária quanto de Vigilância Epidemiológica.

De um modo geral, durante as entrevistas, foi perceptível a grande preocupação do informante com o preparo técnico do profissional de VS, como um campo de trabalho condicionado às políticas dos governos municipais, que podem mudar a cada nova gestão. Também se preocupou com as dificuldades do aluno durante o curso.

Fica claro nas falas e postura do docente sua preocupação com o processo de trabalho do aluno, que sua atuação como docente tem um papel preponderante nesta formação, mas que muitas lacunas ainda precisam ser preenchidas. Apesar de não verbalizar, senti sua preocupação com a questão didática, negando-a inicialmente como necessidade em seu processo de trabalho, talvez por não se ver como apenas um docente em sala de aula, mas sim como um técnico atualmente momentaneamente.

Percebe-se que há preocupação com as necessidades e finalidades de seu trabalho, mas que tem extrema dificuldade em lançar mão de instrumentos adequados no processo ensino-aprendizagem, talvez por desconhecimento e daí

sua insegurança, talvez por não aceitar o papel de professor no sentido estrito da palavra, que parece remeter ao professor tradicional, autoritário, centralizador.

Infelizmente, estas preocupações preencheram grande parte das entrevistas, sendo difícil aprofundar as temáticas propostas durante os quatro encontros.

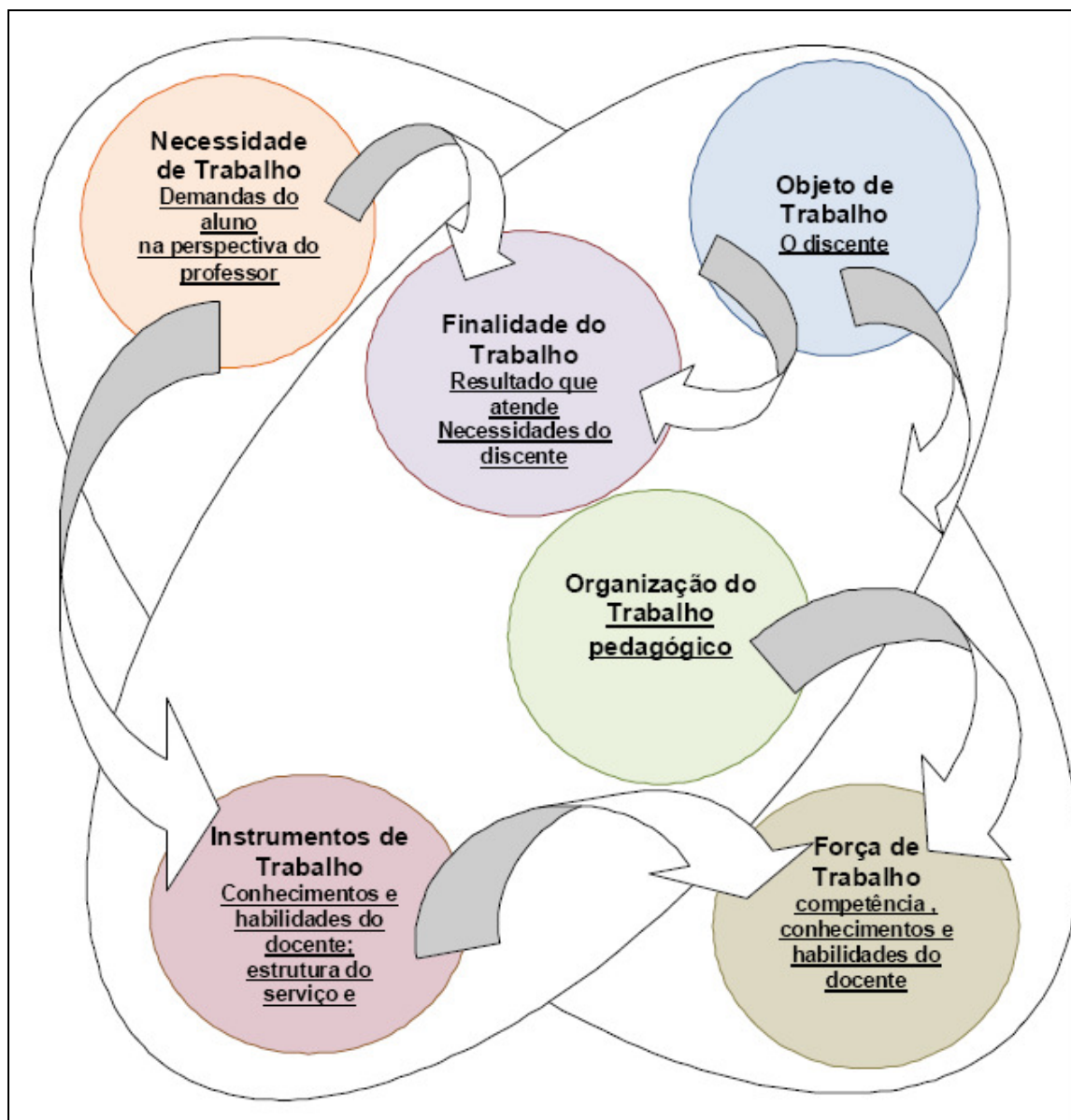
#### 4.4 RETOMANDO OS CONCEITOS DA REVISÃO DE LITERATURA: PROCESSO DE TRABALHO E PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

O objetivo central deste estudo foi o de compreender e interpretar o processo formativo no curso Técnico em Vigilância Sanitária e Saúde Ambiental da Escola Técnica de Saúde de Blumenau, a partir da análise de conceitos do processo de trabalho.

Para retomar tais conceitos, é interessante rever a compreensão dos principais elementos do processo de trabalho docente, tentando aprimorar o conteúdo antes apresentado, ou seja, necessidades, finalidades, objeto, força de trabalho e instrumentos de trabalho.

Para situar melhor o trabalho docente, foi importante obter informações de egressos do curso estudado e de gestores de VS, que podem avaliar os resultados desta atividade. Para isto, optamos por apresentar, a seguir, as categorias resultantes do tratamento das informações obtidas das entrevistas e o número de vezes que cada uma delas apareceu, objetivando com isso facilitar o entendimento. De um modo visual, o Trabalho ideal é a representação do que desejaríamos fosse a ação humana, que no Diagrama a seguir, aparece como se todos os elementos tivessem proporcionalmente a mesma dimensão, em termos de participação no processo em si. A partir desta idealização, podemos comparar a importância de cada elemento no Processo de Trabalho nos dados obtidos dos informantes, como veremos a seguir.





**Figura 1: Diagrama do processo de trabalho docente idealizado**

#### **4.4.1 Necessidades dos sujeitos da relação ensino-aprendizagem no curso de Vigilância em Saúde**

Não há modo de definir a finalidade de uma ação sem conhecer a necessidade que a determina, porque são elementos inseparáveis do processo de trabalho, conforme Leopardi (1995).

No entanto, o que suscita a iniciativa de alguém participar de um curso de preparação profissional em geral é determinado por uma ou mais de uma necessidade, as quais podem vir a corresponder a seu próprio desejo, mas também

às contingências da sobrevivência num campo de trabalho cada vez mais competitivo.

Supondo-se, porém, que a necessidade seja somente o desejo de uma pessoa preparar-se para uma atividade, esta necessidade deveria espelhar o fim a que se destina esse movimento, ou seja, constitui-se imediatamente na finalidade de uma ação [...] a necessidade satisfeita é a própria finalidade de um trabalho, de acordo com a mesma autora. Neste caso, a necessidade de preparo do discente deverá corresponder à finalidade do trabalho docente.

No Brasil, o que define o trabalho docente em escolas profissionalizantes são as políticas de educação vigentes, que por sua vez espelham necessidades sociais do mercado de trabalho. Apesar de se ter em conta que os que trabalham em educação também têm suas necessidades, sejam as de subsistência ou até mesmo as próprias de um indivíduo em exercer alguma atividade que lhe dê, além da subsistência, também prazer, satisfação, e que lhe possibilite construir uma vida digna de ser vivida, é preciso considerar que, ao procurar uma instituição educacional, o discente deveria ser o centro do trabalho a ser desenvolvido.

**Necessidade do trabalho**, portanto, são demandas de aprendizagem dos alunos para a sua profissionalização.

Em relação à categoria Necessidades de trabalho mencionadas pelos informantes egressos e gestores apareceram as subcategorias apresentadas no Quadro 2. Estas subcategorias informam necessidades do aluno, do docente e também a necessidade da sociedade em relação a própria vigilância em saúde e sobre a necessidade de mais profissionais nesta área. O egresso informa a necessidade de aprender a executar a VS e o gestor percebe a necessidade do Serviço de VS estabelecer parceira com a comunidade.

<b>Docente</b>	<b>Freq.</b>	<b>Egresso</b>	<b>Freq.</b>	<b>Gestor</b>	<b>Freq.</b>
Necessidades do aluno	14	Possibilidades de executar a VS	01	Parceria com a comunidade	01
Necessidades do professor	01				
Necessidades Sociais de vigilância	06				
Necessidades de técnicos	02				
	23		01		01

**Quadro 2 – Subcategorias relacionadas ao tema Necessidades de trabalho de acordo com o docente, egressos e gestores**

Podemos perceber que, em relação às necessidades, esta foi uma preocupação maior do docente, talvez pelo fato dele ser também gestor de serviço, pois foram poucas as falas do egresso e do gestor neste sentido. Sobre as necessidades do aluno, o docente afirma que

o técnico de vigilância sanitária, ambiental, saúde do trabalhador de uma forma geral ele tem dificuldades no dia a dia que devem ser superadas até pra que o trabalho dele transcorra de uma forma normal e que tenha os objetivos que ele precisa alcançar que é a eliminação de risco a saúde e o cumprimento de legislação, as duas coisas são trabalhadas em sintonia (D4U84);

há o desafio de aprimorar esse enfrentamento da realidade deles do dia a dia com a pedagogia, com a didática pra que seja, venha a ter um resultado prático, e eles consigam entender esse desafio como uma rotina, como certo, até uma rotina prazerosa, uma rotina de desafios que eles tem que conseguir vencer (D4U86).

Quanto às necessidades do próprio professor, a abordagem foi no sentido de ver

o professor como um fator primordial pra que o curso consiga ter o êxito que se pretende, porque o professor tem que justamente conseguir conjugar o conhecimento técnico que ele tem com uma habilidade muito importante que é a sensibilidade de entender esse aluno, que é um aluno especial, um aluno que tem suas dificuldades de aprendizado, porque teve uma formação insuficiente já no ensino fundamental, continuou tendo dificuldades no ensino médio e um aluno com limitações intelectuais (D4U99).

Outro tema abordado pelo docente foi das necessidades sociais de vigilância, quando ele afirma que

em todas as áreas de saúde do município e do estado, com essa autonomia pra poder conseguir fazer as mudanças e essas mudanças, que permaneçam essas mudanças, sejam perenes porque o que não pode acontece e haver intenção de mudar, haver intervenção do órgão e por algum motivo político, administrativo isso ser desfeito (D1U15);

está se entendendo a vigilância em saúde como uma necessidade, como um órgão único de vigilância que englobe saúde do trabalhador, epidemiologia, de vigilância sanitária e vigilância ambiental. Então esta se consolidando, hoje eu não vejo um retrocesso mais pra esse encaminhamento (D1U11).

Justifica, ainda, a necessidade social de mais técnicos em VS, para

suprir esse mercado que não tem, [...] que tem muito pouco recurso humanos, tanto é que ..... a exemplo de muitos outros municípios até menores, criaram serviços precários até então (D3U64).

Uma das preocupações reveladas é quanto às atividades de maior complexidade, que a maioria dos municípios ainda está implantando. Somente foi registrada uma fala do egresso, que diz:

a gente aprendia mesmo, aqui de média complexidade a gente faz só farmácia, a gente conseguiu fazer uma reorganização na questão da vistoria nos estabelecimentos da área de saúde, graças aos conhecimentos adquiridos lá no curso. Conseguiu por isso em prática, a questão da vistoria e a aplicação da legislação (E2U11).

Para o gestor entrevistado, a necessidade fica mais bem explicitada quando na prática, consegue-se articular com a comunidade o melhor entendimento sobre o seu papel, que ele expõe nessa única fala:

os empresários vêm após o trabalho técnico e agradecem se tornam parceiros (G1U8).

#### **4.4.2 Finalidade do trabalho docente na VS**

Não é possível evitar-se o enfrentamento de questões tais como para quê e como se pode preparar uma pessoa para o exercício de uma profissão. As necessidades de aprendizagem das competências necessárias são comuns a todos os alunos, mas se projetam individualmente na sala de aula ou campo de estágio e, portanto, para serem reais e objetivadas, faz-se necessário serem vistas individualmente, o que torna o trabalho do docente extremamente complexo, quase impossível.

No entanto, a lógica institucional quase sempre se volta para atender questões ou necessidades de um grupo de alunos, para uma atividade cujas competências já estão pré-definidas. E, ao fazer essa 'generalização' das

necessidades, a finalidade do trabalho do docente passa a ser construída de forma artificial, abstrata, levando os trabalhadores em educação a orientar seu trabalho pelas circunstâncias objetivas do dia-a-dia da escola, dos alunos e de si mesmo.

Ao escolher a Metodologia Problematizadora, a Instituição responsável pelo preparo do Técnico em Vigilância em Saúde tem a pretensão de minimizar a distância entre ensino e necessidades, seja para os discentes, seja da sociedade.

Assim, assumimos que a Finalidade do trabalho docente só pode ser alcançada se os participantes – alunos e docentes - puderem estabelecer objetivos comuns, a partir de problemas encontrados na própria realidade, traduzido pela expressão de competências a serem desenvolvidas.

**Finalidade do trabalho no ensino técnico**, então, é o resultado que atende necessidades de formação teórico-prática para o trabalho e formação pessoal, levando em conta as competências estabelecidas na legislação.

Em relação às Finalidades de trabalho mencionadas pelos informantes egressos e gestores apareceram as subcategorias apresentadas no Quadro 3.

Docente	Freq.	Egresso	Freq.	Gestor	Freq.
De formação do aluno	06	Competências para o	05	Diferença na conduta	01
Complexidade da VS	03	exercício da VS		profissional	
Mudança após o curso	03	Dificuldades/Limites	04		
		Processo ensino-	06		
		aprendizagem adequado			
	12		15		01

**Quadro 3 – Subcategorias relacionadas ao tema Finalidades de trabalho docente de acordo com o docente, egressos e gestores.**

Podemos perceber aqui que dois aspectos foram abordados na categoria Finalidade do trabalho, um relacionado às finalidades do trabalho docente, ou seja, a transformação do objeto de trabalho, o aluno, e outro ligado ao processo de trabalho da Vigilância.

O docente pontua algumas questões ligadas à formação do aluno, a complexidade da Vigilância e que isso influencia diretamente o processo ensino-aprendizagem. Já o egresso, ao pensar sobre a Finalidade, traz a discussão para o seu processo de trabalho na Vigilância Sanitária, ou seja, a instrumentalização que teve para atingir a necessidade do serviço.

Na subcategoria Competências (instrumentalização da Força de trabalho) para o exercício da Vigilância Sanitária, um dos egressos disse:

a gente fez ótimos estágios nos hospitais, farmácias, principalmente saúde do trabalhador, que era um assunto que pouco se falava dentro da vigilância sanitária (E5U56);

muita coisa que não era abordada na vigilância, muita coisa que se abrange na vigilância e as pessoas acham que é só alimento, ali começou a se discutir a vigilância e saúde (E5U62).

Para o egresso, a instrumentalização para o exercício da função deu-se por meio de diversas experiências proporcionadas pelo curso, mas eles não a apresentam explicitamente como atividade dirigida pelo docente com o objetivo de atingir a finalidade proposta.

Na subcategoria Dificuldades e limites, as falas do egresso são no sentido de comparar com outras atividades experimentadas em sua vivência enquanto aluno trabalhador, em uma prática pedagógica bem diferenciada da proposta do curso. Tanto que afirmam:

a gente já tinha o curso de ações básicas promovido pelo Estado, simples e totalmente diferente, simplesmente te passavam a lei e te ensinavam como fazer o auto e mais nada (E4U50).

Outras falas referem-se à insatisfação quanto ao aprofundamento de temas já estudados pelo egresso, preocupação com a quantidade de informação repassada, ou seja, conteúdo trabalhado aquém do esperado, ignorando a necessidade da reflexão sobre o processo de aprendizagem, ou seja, que

muitos temas não foram novidade para mim, esperava algo mais aprofundado, muitos colegas não tinham ainda feito cursos que mostravam esse temas e foi bom para eles aprenderem isso (E1U2)

Na subcategoria Processo ensino-aprendizagem adequado, ou seja, se o processo foi eficiente no sentido de trazer informações e construir conhecimento para a prática profissional, as falas do egresso foram, entre outras,

teve uma integração boa, os professores conseguiram fazer uma integração entre a aula teórica e a prática [com a metodologia [(E5U72);

tinham interesse em aprender, prestavam atenção, e não era só gente nova como eu, tinham alguns que trabalhavam há muito tempo na vigilância e isso ajudou na troca de idéias e informações, por que eles estavam lá com um objetivo que era aprender e colocar em prática tudo que fosse possível (E3U29).

Ao se analisar as respostas do gestor, pode-se perceber sua preocupação com o tipo de abordagem efetuada pelo profissional, no sentido da educação em saúde, além da ação meramente fiscalizatória, como apontado na seguinte fala:

é a forma de fiscalização, tem diferença na conduta, que vai mais para a orientação e só em ultimo caso ele autua (G1U6).

#### **4.4.3 Objeto de trabalho docente no curso de Vigilância Sanitária**

Sendo finalidade do trabalho docente a transformação de um sujeito, temporariamente aluno da ETS-Blumenau, no Curso Técnico em Vigilância em Saúde, em um profissional capaz de realizar as atividades que lhe competem por lei, o que orienta todo o processo de trabalho, é possível definir pelo menos, dois objetos de trabalho - a consciência destes alunos, transformada pelo conhecimento e práticas.

Para alguém ou alguma coisa tornar-se objeto de trabalho é porque contém em si o projeto de transformação necessário para a satisfação da necessidade apresentada.

Além disto, supondo-se, então, que o objeto de trabalho docente seja o aluno, com sua consciência e experiências, há que se ter em mente que ambos os envolvidos na relação pedagógica são sujeitos, com a sua história, sua mente, seu espírito, enfim, a sua existência, um sujeito concreto. Assim, o direcionamento do planejamento deve-se dar a partir deste objeto de trabalho, um objeto-sujeito, não podendo ser moldado, seja nesta relação, seja pelas normas institucionais, ainda mais por ser a metodologia adotada a *Problematização*, aos moldes de Paulo Freire.

**Objeto de trabalho**, então é o discente, cuja demanda por aprendizagem foi satisfeita, parcial ou totalmente, assinalado por uma transformação em suas competências, de modo a tornar-se um profissional de VS.

Em relação ao Objeto de trabalho docente, de acordo com os informantes apareceram as subcategorias apresentadas no Quadro 4.

Docente	Freq.	Egresso	Freq.	Gestor	Freq.
Dificuldades do aluno	09	Conhecimento para o exercício da VS	02	Condutas novas	01
Conhecimento prévio do aluno	11	Dificuldades de acesso	01	Possibilidades de uma nova visão	01
Características subjetivas	03	Possibilidades na profissão	05		
	<b>22</b>		<b>08</b>		<b>02</b>

**Quadro 4 – Subcategorias relacionadas ao tema Objeto de trabalho de acordo com o docente, egressos e gestores**

Nesta categoria podemos afirmar que aparece a principal preocupação do docente, como já apresentado anteriormente, e dividimos as falas em três subcategorias, ou seja, uma primeira relacionada às dificuldades do aluno, outra ao seu conhecimento prévio e, ainda, suas características subjetivas.

Em suas falas, o docente confirma que

eles têm uma dificuldade enorme de escrever, de transcrever, de passar pra palavra o pensamento deles e isso é importante como diagnóstico pra eles, a gente pode também corrigir isso durante o curso e não depois se lastimar só (D2U50);

entendem que aquela atividade que eles exerceram durante vários anos muitas vezes ela foi pautada por pouco conhecimento técnico, por diretrizes muitas vezes até políticas de atuação, resgata esse aluno, resgata esse recurso humano, pra atividade técnica, e uma atividade técnica permeada de problemas de gerência política (D1U20);

o aluno sai do curso, ou mesmo antes de sair do curso, ele já tá na atividade profissional, ele tem noção, ele tem claramente a noção que ele precisa aprender, que ele precisa aproveitar, que ele precisa ter o conhecimento imediatamente, ele tem tempo pra amadurecer esse conhecimento, pra maturar ele do ponto de vista até emocional e profissional (D1U23).

Quanto ao egresso foram oito registros com também três subcategorias. Na subcategoria Conhecimento para o exercício da VS, foram dois registros, e destes selecionamos um que aponta para a prática no serviço.

o objetivo além de aprender era agregar mais informações, a gente sabia que dali saia, e podia crer que a equipe era comprometida (E3U30).



Nessa fala, fica clara a importância do trabalho em equipe, do apoio que o serviço pode trazer na construção do conhecimento do aluno trabalhador. Na subcategoria Dificuldades de acesso do aluno, o que mais chamou a atenção foi a distância, pois o curso foi centralizado em uma única escola e os alunos vinham dos mais diversos municípios da região do Vale do Itajaí e, para eles, a

dificuldade era a distância (E2U19).

Na subcategoria *Possibilidades na profissão* houve cinco registros, que deixam claro que, apesar de todas as dificuldades, o processo ensino-aprendizagem efetivou-se no curso, possibilitando mudanças e abertura para o novo, restando saber se, ao voltar para a prática, esta se consolida. Dizem os egressos que

eles davam idéia como a gente trabalhar, facilitou o trabalho em campo, ele abriu os olhos da gente para muita coisa que a gente deixava passar (E3U25);

curso técnico expandiu todo esse horizonte, no mais não tive outras dificuldades (E4U51).

Na fala dos gestores, este foi um tema pouco abordado, mas que consolida a proposta curricular do curso, em que há mudanças nas condutas adotadas pelo egresso no desenvolvimento de suas atividades no serviço, além da mudança de visão da Vigilância Sanitária em si. Dizem eles que

ao interagir com o ambiente, tu és obrigado a vislumbrar outras situações além do espaço físico em torno do processo. Além disso, ela te obriga a vislumbrar a integração do estabelecimento com a sociedade e inserir ele ainda no SUS (G2U13);

aconteceu que foi desconstruído tudo que a gente tinha construído. O que aconteceu foi quebrar paradigmas (G2U19).

#### **4.4.4 Força de trabalho no Curso de Vigilância Sanitária e Saúde Ambiental**

Em uma instituição educacional profissionalizante, podemos considerar este conceito sob duas perspectivas – da força de trabalho atuante no próprio processo

de trabalho pedagógico – o docente – e a força de trabalho a ser preparada por este mesmo trabalho. Nesta investigação, foi considerada a força de trabalho docente, que deverá adequar-se à finalidade de seu trabalho.

Por isto, é preciso apontar que uma das condições para este trabalho é a formação e atribuições dos docentes e dos futuros profissionais em Vigilância em saúde. Sendo a formação e as atribuições diferenciadas, as relações entre docente, discente e mercado de trabalho precisam ser, no mínimo, consideradas como aspectos do processo pedagógico.

Faz parte deste processo tentar definir internamente essas relações. Se a finalidade para o trabalho docente é o preparo do futuro profissional, é importante reconhecê-la, para que seja possível um planejamento adequado a cada nova turma de alunos. Este é, então, um processo que estará em constante movimento e exige relações reflexivas, conhecendo os limites e possibilidades de cada um. A reconstrução dessas relações exige mudanças de atitudes de todos os participantes do processo, numa reflexão madura, com vistas à transformação, daí a importância da formação pedagógica do docente.

**Força de trabalho** é aqui entendida como as competências, conhecimentos, habilidades que o professor necessita para desempenhar adequadamente sua atividade docente. Em relação à Força de trabalho docente, de acordo com os informantes apareceram as subcategorias apresentadas no Quadro 5.

Docente	Freq.	Egresso	Freq.	Gestor	Freq.
Capacitação docente	06	Conhecimento	09	Comportamento	03
Competência docente	10	Dificuldades	04	Conhecimento	06
Conhecimento	02	Limites	01	Limites	03
Habilidades	01	Não cumprimento das finalidades	01	Possibilidades	02
Motivação	04	Possibilidades	03		
		Processo ensino-aprendizagem	03		
		Visão do aluno sobre a capacitação docente	01		
	23		22		14

**Quadro 5 – Subcategorias relacionadas ao tema Força de trabalho de acordo com o docente, egressos e gestores**

Percebemos que algumas subcategorias são levantadas pelos três grupos de informantes, com enfoques diferenciados, mas que mantêm um aspecto bastante específico na questão da importância da aquisição/troca de conhecimentos.

Um fator que deve ser levado em conta é o fato de dois de estes gestores serem egressos do curso, terem participado do processo de formação e das discussões da proposta de reformulação da grade curricular. Outro tem a formação em nível de mestrado, com uma discussão bastante avançada no papel da Vigilância em Saúde, na formação de recursos humanos coerente com proposta do Sistema Único de Saúde.

Nesta categoria, distribuí as falas do docente em cinco subcategorias, iniciando pela capacitação, quando ele comenta:

no primeiro curso, eu não tenho boa memória, mas nós fizemos o trabalho de iniciação com algumas oficinas, algumas dinâmicas em relação a atividade docente no primeiro curso, no segundo e no terceiro eu não tive essa capacitação (D1U4).

A Escola oferece capacitação pedagógica de oitenta e oito horas para todos os docentes de todos os cursos, mas uma grande dificuldade é a participação dos profissionais. O que fica bastante explícito na subcategoria das competências docente, de certa forma explica a posição do docente frente à capacitação pedagógica. Diz ele:

eu considerei a experiência profissional, a experiência social minha com esses alunos, mais importante na forma de conduzir a minha forma pedagógica, muito mais importante o aprendizado que eu tive com os próprios profissionais, com a própria rotina e com bom senso que eu considero, que tenho como uma característica minha e acabei conciliando essas duas coisas, mas sinceramente preponderando a característica minha, de intuitiva nessa situação (D4U92).

Na subcategoria Conhecimento, sob o ponto de vista do docente, podemos perceber sua pouca preocupação com os aspectos pedagógicos, pois em suas falas transparece que o essencial para o professor de um curso técnico é o conhecimento da prática, como por exemplo, na fala a seguir.

Foi muito útil esse meu conhecimento porque ajudei muito a coordenação do curso no sentido de dinamizar a atividade, criar novos objetivos para o curso propriamente porque a gente pode contribuir nesse sentido de forma os professores (D1U7).

Na subcategoria Conhecimento, os registros do egresso foram no sentido de aquisição de conhecimentos novos, a organização do curso e sua aplicabilidade à realidade no local de trabalho.

Eu que não tinha o conhecimento, o que foi vindo foi muito interessante, e eu passei a ter uma visão mais técnica (E3U21);

foi bem dividido, nos seus eixos, conseguindo contemplar todas as necessidades de um agente sanitário (conhecimento), desde a parte introdutória, de ações básicas, até a parte de média complexidade, que a gente acabou concluindo no curso, essa parte de legislação e o estágio foi muito importante, acho que a teoria e a prática eram bem relacionadas (E2U10);

tudo o que eu aprendi lá no curso eu consegui aplicar aqui no SUS (E2U13).

Na subcategoria Dificuldades, o que fica ressaltado é a falta do embasamento prévio, já comentado pelo docente, e a associação trabalho e atividade escolar, ou seja, muitos trabalhavam quarenta horas semanais além das vinte horas de atividade no curso, aliado à necessidade de deslocamento para outro município, enfrentando trânsito complicado, horários apertados e falta de tempo até para uma alimentação adequada. Um deles disse que

o principal problema foi mesmo o cansaço, ter que trabalhar o dia todo e também teve momentos que a gente tinha estágio e aula, ficou pesado (E5U69).

Outra subcategoria foi a questão do limites, o egresso comentou que esperava aprender um pouco mais. Durante a entrevista, fica claro que este esperava mais conteúdo, material bibliográfico, ou seja, a questão da bagagem com que ele deveria sair, o conhecimento amplo necessário para a execução das atividades no campo.

Ainda foram acrescentadas as dificuldades na prática, quando, como aluno e junto com o professor, era necessário fazer uma abordagem um pouco diferenciada,

já que o docente enquanto fiscal, preocupava-se com o fato de o local, apesar de problemas, não seria abordado como realidade a ser avaliada de fato. Assim, dizem os alunos:

a gente via a realidade, a gente ia aos locais e ele (professor A) colocava que a gente ia deparar com um monte de erros, mas que naquele momento não iríamos interferir, porque estávamos indo lá em estágio (E5U73)

Também pudemos perceber a necessidade que o egresso tinha de atualizar-se, de ir buscar mais conhecimento, como expresso abaixo

eu sinto necessidade, hoje, seria tipo um feedback, atualização, eu acho que seria interessante para quem já está muito tempo na área, até pra gente ver conceitos novos, rever coisas (E4U54).

A prática pedagógica diferenciada foi observada e vivenciada pelo egresso, que a aponta como diferencial no processo ensino aprendizagem, quando percebiam que o docente se interessava em ter mais informações, ou seja,

o professor ia junto com a gente pesquisar e depois discutir, troca de informação e a gente poder aplicar no nosso trabalho (E5U79).

A visão do aluno sobre a capacitação docente também foi enfocada e deve ser analisada para a reformulação do curso, como uma necessidade a ser revista. A insegurança do professor, talvez muito mais em termos didáticos do que propriamente no conteúdo, parecia ao aluno que não chegavam bem preparados, conforme se pode perceber na fala a seguir:

na maioria eram ótimos, mas tinha um e outro que era a primeira vez que entrava em sala. A gente esperava que o professor soubesse tudo e alguns demonstraram insegurança, mas naquele assunto ele precisa ter domínio, isso é importante na hora da seleção (E3U33).

O gestor traz para a discussão algo relacionado à Força de trabalho do trabalhador da Vigilância Sanitária. Percebe e relata mudanças no comportamento.

Outra subcategoria foi o Conhecimento, que, pelas falas, consegue ser percebido pelo gestor:

percebi uma melhora depois do decorrer do curso, depois da confusão [entender o processo] houve uma melhora na questão do saber (G1U1).

E que ainda faz um contraponto com outras formações pontuais, mas que não conseguem oferecer a formação reflexiva necessária para a mudança, pois:

são dois tipos de formação amplamente diferentes, uma do Estado que ensina apenas a ser fiscal, cumprir legislação, ser um mero cumpridor de lei. O técnico te ensina a pensar e desconstrói o paradigma de que tu és apenas um fiscal e, sim, isto te obriga a renascer,... Obriga-te a pensar para reconstruir fatos e fatores, pois sendo apenas um fiscal tu não observa, então tu não entra num estabelecimento apenas observando piso e parede (G2U12)

O docente tem um papel de mediador, ou seja, buscar conhecer a realidade desse aluno trabalhador e apontar em qual direção devemos buscar as informações para a transformação de meros trabalhadores cumpridores de tarefas para a de profissionais comprometidos, primeiramente com o SUS, com a transformação da realidade de cada município, e também com o seu papel de cidadão.

Este mesmo gestor aponta para os Limites que a formação ainda não conseguiu ultrapassar, considerando-se a quantidade enorme de informações que não são aplicadas à prática, dizendo que:

o problema ainda é que nós não temos profissionais que entendam a relação da informação, a grandeza da informação produzida pela epidemiologia para ser aplicada no dia a dia. Da sanitária ou da própria secretaria de saúde (G2U17).

Mas vê possibilidades para a mudança, na medida em que

a vigilância deixa de ser um órgão policialesco, para ser um órgão integralizador, esse eu acho o maior brilhantismo do curso técnico.(G2U20).

#### 4.4.5 Instrumentos de Trabalho no Curso de Vigilância Sanitária e Saúde Ambiental

Cada trabalho tem especificidades que determinam quais são os instrumentos ou meios necessários e a força de trabalho requerida para sua realização.

Como já mencionado anteriormente, instrumento de trabalho é uma coisa ou complexo de coisas que o trabalhador insere, põe entre si mesmo e o objeto de trabalho, e que lhe serve para dirigir sua atividade sobre esse objeto.

Entre os instrumentos de trabalho da educação o método de ensino é um deles que, em nosso caso, é a 'Metodologia problematizadora', além de material didático-pedagógico.

Outro instrumento importante é o plano das atividades a serem desenvolvidas durante o processo ensino-aprendizagem, que deve conter oferta de conhecimentos, meios e experiências para o desenvolvimento de habilidades e também para a realização do saber-ser.

A metodologia dirigida para a problematização da realidade como uma ferramenta de trabalho no processo ensino-aprendizagem, não é uma ferramenta isenta ideologicamente, pois, a depender de quem a utilize, produz ações que podem ou não fazer com que o ser humano ensaie libertar-se de seus opressores para se emancipar, para sua humanização.

Nas instituições de ensino, onde os instrumentos de trabalho serão utilizados para imprimir uma transformação sobre sujeitos discentes, a construção de conhecimentos e de instrumentos materiais ou metodológicos específicos deve ser um processo de permanente atualização, assim como equipamentos, objetos e material de apoio.

**Instrumentos de trabalho no ensino**, então, são ferramentas tais como a metodologia, materiais, equipamentos e conhecimento disponibilizado para o processo ensino-aprendizagem.

Em relação aos Instrumentos de trabalho docente, de acordo com os informantes, apareceram as subcategorias apresentadas no Quadro 6 abaixo.

Docente	Freq.	Egresso	Freq.	Gestor	Freq.
Relação com a Metodologia	03	Conhecimento sanitário	02	-	
		Conhecimento sobre a realidade	01		

		Limites	01		
		Processo ensino-aprendizagem	08		
	03		12		

**Quadro 6 – Subcategorias relacionadas ao tema Instrumentos de trabalho de acordo com o docente, egressos e gestores**

Surpreendentemente, os que mais abordaram os instrumentos de trabalho foram os egressos. O informante docente abordou somente a Metodologia, e suas reflexões apontam para aspectos como a possibilidade de participação, embora diga que não a aplica de todo. Diz ele:

isso traz pra sala de aula uma situação um tanto positiva que é a participação de todos (D2U35);  
eu não tenho regras muito rígidas de pedagogia ou de didática (D2U32).

Essas falas, entre outras, trazem dúvidas sobre a forma de aplicação da metodologia que, na ETS-Blumenau, tem uma estruturação bem definida, para que o objetivo seja alcançado. Talvez isto revele que, em sala de aula, os professores procuram agir de uma forma aproximada à ‘problematização’, em seu trabalho, mas a seu modo, de acordo com seus conhecimentos e experiências, muitas vezes sem conhecer mais profundamente a filosofia da proposta metodológica.

A ‘problematização’ tem algumas características que orientam o processo ensino-aprendizagem, ou seja, passos ou etapas que são necessárias para a adequada consecução do processo pedagógico. É necessário que o professor, além de conhecer os passos para aplicação da metodologia, ou seja, conhecimento da realidade, levantamento das questões-chave, teorização, formulação de hipóteses e aplicação na realidade, também crie condições para que os alunos se expressem.

Berbel (1999, p. 30) diz “que a educação problematizadora, ao contrário da educação bancária, considera a consciência crítica e a liberdade como meios de superar as contradições da educação bancária e responde à essência ôntica, que é a sua intencionalidade.”

Na subcategoria Conhecimento foi registrado pelo egresso que os vários profissionais tinham outros conhecimentos e que isto resolvia alguns problemas com



a metodologia, quando os trouxeram para o dia-a-dia no ensino. Em termos do Conhecimento sobre a realidade, permitia-lhes uma relação entre teoria e prática, ou seja, segundo um egresso,

a gente ia pra sala de aula, e depois conseguia aplicar na prática, no outro dia da aula, a gente saia em dupla e ia fazer a vistoria, e olhava no curso a gente viu isso, é desse jeito. Tinha como colocar isso no nosso dia a dia (E3U39).

Na subcategoria Limites, o egresso expõe as dificuldades iniciais com a metodologia, principalmente pelo fato de ser a primeira experiência com ela e pela vivência anterior, totalmente de acordo com a perspectiva da escola tradicional.

Nós tivemos alguns problemas (com a metodologia), porque na cabeça da gente a gente acha que tem que ser de uma maneira, e a gente nunca trabalhou com isto. Depois fomos juntando as partes e no final, a melhor parte do curso (E4U47).

E na subcategoria Processo ensino-aprendizagem foram oito registros, expressando suas dificuldades, mas também como isso foi transformando-se em conhecimento.

Gente não vai ganhar nada de material e depois a gente foi vendo como foi bom, se fosse de outro jeito, a gente podia ter uma pilha de material, mas a gente sabe que só leria aquilo do dia. Tu acaba aprendendo até mais (E3U38);

a metodologia foi bem diferenciada, a gente tinha os problemas e construía, aprendemos a resolver os problemas, isso foi com o grupo uma construção (E2U1).

Inicialmente, no curso, é feita uma introdução à Metodologia, quando o projeto da escola é exposto, assim como suas características e forma de avaliação. Porém, parece-me muito formal e pouco produtiva a introdução do tema metodologia junto com a apresentação do curso neste momento inicial e acredito que deveria estar sendo retomado continuamente, tanto pela equipe pedagógica, quanto pelos docentes, para que o aluno, no decorrer do curso, um pouco mais amadurecido, e

tendo vivenciado o processo, consiga compreender melhor como se dá a aplicação da Metodologia. Isto ficou presente na seguinte fala:

[a escola] colocou como tudo ia acontecer, sobre a Metodologia, a avaliação, que seria um processo do dia-a-dia, a gente ia construindo, mas a gente não ganhou material e isso hoje faz falta, mas foi produtivo, não tinha nada pronto a gente tinha que ir buscar, pesquisar, não vinha nada pronto, isso força, e a gente fica mais atento (E3U37).

Além destas categorias, apareceram menções às relações de trabalho, ao trabalho de VS em si, ao Processo Pedagógico e Outros. Isto revela que percebem outras instâncias além do que ocorre estritamente na sala de aula.

Sobre as relações de trabalho, o docente aponta suas relações com a instituição como importantes para o processo ensino-aprendizagem, e que essas relações foram bastante positivas e propositivas. Afirmou que:

isso a gente consegue atender, da mesma forma nós conseguimos aglutinar da forma mais prática possível e isso pra eles (os alunos) é muito positivo, eles conseguem ver exatamente nisso uma vantagem, não a vantagem do ponto de vista negativo, mas uma vantagem positiva e justamente estar ali, quer dizer ele consegue, o aluno consegue (D2U47);

a escola tem que ter a mesma sensibilidade, a coordenação, porque vai estar envolvida da mesma forma, eu acompanhei as coordenações desses últimos cursos e eram muito estressantes os desafios da coordenação, porque justamente o aluno notava o professor distante dessa realidade e cobrava da coordenação, então, a coordenação tem um papel ai bem complicado que é justamente chamar a atenção do professor pra essas individualidades, essas características individuais do aluno (D4U105).

A Vigilância Sanitária, pelo fato de ser uma prática de saúde coletiva, de vigilância em saúde, acaba se tornando um instrumento de defesa do cidadão, conferindo-lhe assim uma dimensão política. Essa dimensão está relacionada à sua função de mudança nesses processos, cujo fim é o benefício e bem estar da população. Sobre a VS como trabalho perante a sociedade, o docente revela que

no (município), nós conseguimos ter essa autonomia, fruto do trabalho dos próprios profissionais e de reconhecimento também da importância da atividade, pra que a gente consiga fazer funcionar

essa atividade de vigilância em saúde sem interferência principalmente política (D1U14)

Para Pimenta (2001), a essência do ofício do professor é o ensino-aprendizagem. Para tanto, sua atividade deve ser sistematizada. Pressupõe conhecer e tomar sua finalidade (ensinar e aprender) de forma intencional e, para tanto, precisa ser compreendido que está determinada numa realidade histórico-social. Sobre o Processo pedagógico, também se deve lembrar que o objeto ao qual se aplica este trabalho, o aluno-sujeito, precisa ser conhecido em suas dimensões humanas, da maneira mais próxima possível do que ele é.

<b>Docente</b>	<b>Freq.</b>	<b>Egresso</b>	<b>Freq.</b>
Organização	02	Organização do Trabalho	15
	02		15

**Quadro 7 – Subcategorias relacionadas ao tema Processo pedagógico, de acordo com o docente e egressos.**

Pelo fato de dois dos gestores serem egressos do curso, esta categoria acabou presente na discussão da organização do processo pedagógico, e contraditoriamente ele foi pouco abordado pelo docente, com apenas dois registros. Acredito que tal fato tenha ocorrido pelas dificuldades vivenciadas pelo aluno, pela contradição que aparece quando a Escola apresenta uma estrutura de curso e a utilização de uma metodologia, que na prática não se concretizam. Apesar de se acreditar que a percepção do aluno não atinge tal profundidade, em minha opinião, eles têm grande clareza de como o processo pedagógico se processa, talvez não em termos de concepções teóricas, mas de um embasamento prático. O docente diz que

há necessidade de que nos próximos cursos de reforçar de início a parte da escrita. (D4U109).

Na subcategoria Organização do trabalho houve quinze registros de falas dos egressos. Refletem satisfação com o aprendizado, pontuando aspectos falhos, segundo eles e que devem ser melhorados em outros momentos. Comentaram que

a grade é extensa tem muita coisa, deve tentar colocar ele naquilo que tem domínio (E3U34); não teve nenhum módulo que posso dizer que foi ruim, foram coisas pontuais, assim um ou outro professor que meio que bagunçou, marcava coisas que não acontecia, entrega de material que não aconteceu (E3U36); traz mais segurança, procurando melhorar os pontos falhos, mesmo assim as pessoas tem que aproveitar a oportunidade de estar fazendo. Tem que se ater aos pré-requisitos, mas se abriu e isso atrapalhou um pouco o curso (E3U40).

Ainda pontuam com bastante ênfase a necessidade de se estabelecer critérios mais claros para a avaliação, já que alguns se sentiram prejudicados quando comparam seu desempenho com outros alunos.

Deveria ter um critério mais rigoroso na avaliação, naquela época não se levou isso em conta, quem tinha mais de setenta por cento passou e teve momentos que teve pessoas que tinham que ser tiradas do curso (E3U31)

Entre outras falas, chamou atenção a Percepção da comunidade sobre a VS, mencionada pelo docente e por gestores, ou seja, a

visão que a população tem da vigilância e o técnico contribui para a melhoria desse aspecto, visando a melhoria dessa atividade (G1U9)

Avaliei que as percepções dos três informantes foram complementares em relação ao que pretendia ao propor esta investigação. Porém, em muitos momentos, ainda tive dúvidas sobre a correspondência entre as falas e a realidade, não sobre o que foi expresso em si, mas sobre a capacidade de avaliação dos informantes especialmente quando o tema proposto para análise dizia respeito à teoria sobre a metodologia aplicada na Escola e sobre os conceitos do processo de trabalho.

Acredito que a possibilidade de ainda acrescentarmos a observação em sala de aula, poderia contribuir muito positivamente para um melhor entendimento do processo de trabalho docente e sua aplicação da metodologia na prática, com isso possibilitando conhecer melhor, identificar os pontos fortes e fracos e assim

estruturar melhor, tanto a capacitação pedagógica para os docentes e supervisores do curso Técnico em Vigilância Sanitária, quanto para os outros da ETS.

Para fecharmos a análise dos dados deste trabalho, fiz um segundo diagrama, denominado Diagrama do trabalho docente concreto, tentando demonstrar visualmente a densidade dos registros relativos a cada Categoria. Na Figura 2 demonstro que, diferentemente do proposto pelo diagrama 1, no processo analisado, não há um equilíbrio entre as etapas.

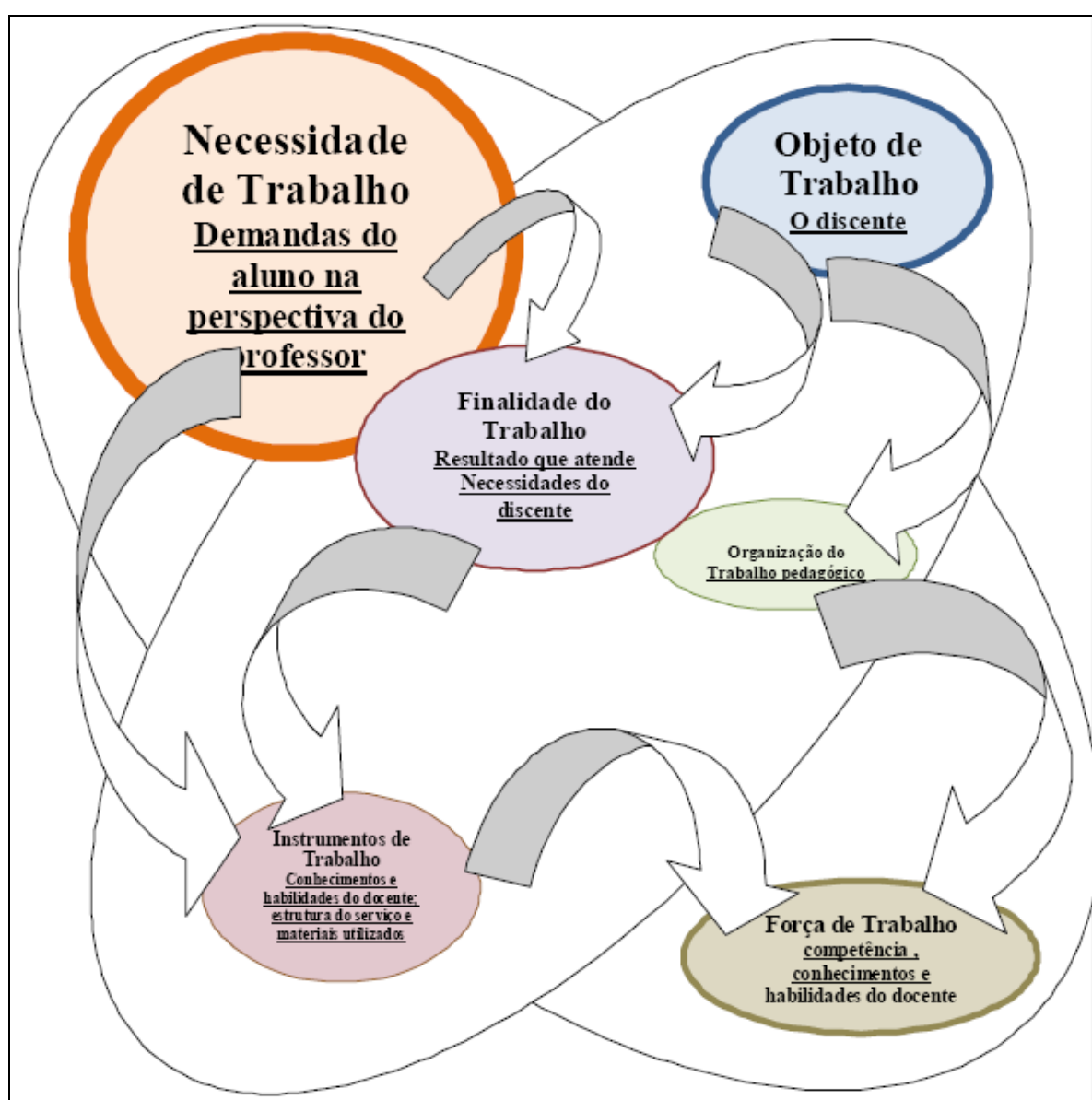


Figura 2: Diagrama do processo de trabalho docente concreto na perspectiva do docente.

Chama à atenção a ausência quase total da organização do processo pedagógico nas falas do docente, resultado, a meu ver, de uma ênfase pequena na capacitação e acompanhamento pedagógico. Isto tem reflexos importantes no processo ensino-aprendizagem, fazendo com que o aluno não desenvolva as competências necessárias ao pleno exercício da atividade de um técnico. Conhecimentos são repassados, mas é necessário fazer uso de estratégias adequadas, fazer a articulação da teoria com a prática para, conseqüentemente, favorecer práticas que busquem realizar a mudança necessária na prestação dos serviços.

Outro aspecto importante e apontado na pesquisa foi a aplicação da Metodologia proposta pela escola em menor grau, ou pelo menos a menção marginal de sua importância no processo de trabalho, como instrumento de trabalho. Talvez isto aconteça, pelo despreparo do docente para tal, pois ouvir as problemáticas do serviço trazidas pelos alunos não significa uma apreensão adequada dos conceitos de Paulo Freire e outros da mesma linha de pensamento, mas há necessidade de organização pedagógica, para seguir os passos necessários. Para isso, é preciso formação qualificada do docente e organização do processo pedagógico.

Outro ponto bastante focado, principalmente pelo docente, foi do atendimento às necessidades dos serviços, porém suponho que isso ocorreu pelo fato do docente ser um gestor de serviço também, e que ele pode ter feito sua avaliação mais como gestor do que como docente.

Um razão pode ser a sua condição docente como uma atividade temporária, “um bico”, o que interfere preponderantemente no compromisso pedagógico.

Associado a isto, o objeto de trabalho, ou seja, o aluno, tem importância para o docente mais como trabalhador do que como aprendiz, no processo educacional, pensado como mão-de-obra que a Vigilância precisa ter, para desta forma garantir a continuidade de uma atividade regulatória e com profissionais pouco reflexivos.

A finalidade e a força de trabalho tiveram olhares equiparados, foram citados como importantes, mas sempre focados no processo de trabalho sanitário e não no processo de trabalho docente. A força de trabalho, ou seja, o trabalho docente

pareceu-me ser um mero instrumento para que as competências para o trabalho em VS fossem adequadas ao que parece ser necessário.

Isto parece ser resultado ideológico que considera a esfera da educação, assim como é a respeito da área da saúde, como territórios apenas mantidos para estar de acordo com o mercado de trabalho, que necessita executores bem preparados e não pensadores sobre a realidade.

Assim, a manutenção da estrutura educacional e da saúde parece adequar-se às estritas necessidades da estrutura social capitalista, sem valorizar o trabalho docente no preparo dos profissionais, ou, mais que isto, não considerando esta atividade-serviço como um trabalho concreto.

Cabe aqui ainda ressaltar que, pelo fato de termos escolhido intencionalmente este docente, houve uma visão muito própria do processo de formação, pois ele, com sua formação e inserido num serviço, traz pontos que outros informantes poderiam ter deixado de lado.

Foi importante ter esta visão, pois no processo de formação lida-se com isso no dia a dia, nossos docentes estão inseridos nos serviços, a formação universitária na maioria dos cursos da saúde não há ênfase à questão pedagógica e ao papel de educador que todos temos em nosso processo de trabalho, em termos de educação para a saúde.

Por último, isto tem referência como certa idealização dos profissionais do ensino como abnegados anjos da sociedade, que se dedicam a esta atividade como uma missão que independe de condições de trabalho, remuneração e capacitação.





## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo ensino-aprendizagem em qualquer área pressupõe uma organização para a consecução dos objetivos a serem alcançados. É possível compreender, ao final desta pesquisa, apesar dos contratempos ocorridos, que os objetivos propostos foram alcançados, se não plenamente, mas de forma parcial. Ainda assim, acreditamos poder contribuir de maneira decisiva para a reorganização das atividades pedagógicas da Escola Técnica de Saúde, em seus diferentes cursos.

As duas hipóteses inicialmente apresentadas no projeto mostraram-se verdadeiras, de acordo com as falas dos entrevistados. Além disso, o fato de trabalharmos com profissionais do serviço inseridos no processo ensino-aprendizagem, por força da proposta de formação ensino-serviço, implica em algumas dificuldades na aplicação da proposta metodológica que precisam ser superadas, e a Escola tem papel decisivo no sentido de suprir as deficiências didáticas deste docente.

Os objetivos propostos inicialmente, a meu ver foram atingidos, fazendo-se necessário, em momento posterior, aprofundar essa investigação, acrescentando a técnica de observação participante e também novas pesquisas com outros grupo de docentes e egressos, na perspectiva de confirmação dos achados. Também seria interessante, neste caso, a visão da coordenação pedagógica, técnica e geral da ETS – Blumenau, principalmente após a inclusão de novas atividades e propostas para o curso. A necessidade de formar profissionais de nível médio para o Sistema Único de Saúde impõe aos centros de formação, nesse caso as Escolas Técnicas, que estejam constantemente revendo seus processos, seja na organização curricular do curso, seja na sua aplicação, seja na formação de seus docentes.

Com essa pesquisa, chego a algumas conclusões sobre o desenvolvimento do processo pedagógico no curso Técnico de Vigilância Sanitária e Saúde Ambiental, bem como em relação às outras atividades desenvolvidas pela Escola Técnica de Saúde de Blumenau.

Neste sentido, apresento algumas sugestões quanto às atividades da Escola. A capacitação pedagógica, por exemplo, necessita ser ampliada em sua carga horária, inicialmente de 40 horas, mas que acabou sendo feita com menor carga

horária, com o passar do tempo, em virtude da falta de tempo dos profissionais envolvidos na formação, na sua maioria profissionais de saúde sem formação pedagógica.

Sugiro que, além da ampliação da carga horária da capacitação pedagógica, se utilize a mesma metodologia empregada no curso, ou seja, trabalhar com os docentes com a metodologia problematizadora. Dessa forma, vivenciando-a na prática, no papel de alunos, podem, talvez, compreender melhor como planejar suas aulas para se aproximarem mais desta proposta.

Também entendo ser importante, na capacitação, a inclusão de temas como o processo de trabalho docente, discutindo o papel do docente nessa formação específica, além da necessidade de articular questões mais gerais, como promoção da saúde, com as mais específicas, ou seja, a fiscalização propriamente dita.

Além disto, considerar aspectos essenciais na questão profissional, ou seja, a reflexão, a pesquisa e a crítica, articuladas, contribuindo para visão mais ampla do trabalho docente.

Outra sugestão é a adoção de práticas alternativas, mas que levem ao desenvolvimento das competências, tal como o estímulo ao desenvolvimento de pesquisa aliado ao estágio no serviço, bem como a supervisão direta, porque entendo serem formas de aplicar a teoria na prática.

A questão teórica deve ser proposta em termos de novas práticas de Vigilância em Saúde, além do desenvolvimento de ações em conjunto com outros serviços, buscando desenvolver no aluno a percepção das possibilidades de atuação intersetorial e interdisciplinar.

Ao propormos identificar os fatores facilitadores e dificultadores no processo de formação, percebemos a importância de estarmos adequando a proposta do curso e, para isso, propomos algumas reformulações, tais como:

- revisão e reformulação das competências gerais e específicas para a nova proposta de curso técnico em vigilância em saúde;
- adequação das bases tecnológicas à nova proposta;
- reorganização dos módulos, acrescentando em cada um, momentos de integração ensino-serviço, ou seja, aplicar a teoria na prática, sob supervisão de um profissional inserido no serviço;

- inclusão de projeto de pesquisa, visando estimular o desenvolvimento de novas tecnologias nos serviços de saúde;
- adequar a oferta de recursos didáticos à realidade, ou seja, propiciar ao aluno trabalhar teoria e prática na integração ensino-serviço;
- redefinição do papel dos docentes de concentração e dispersão, bem como do papel da coordenação técnica e pedagógica.

Acredito ter conseguido, com todos os entraves que ocorreram, concretizar minha proposta inicial de pesquisa, mas, diferentemente do que imaginava, minhas dúvidas aumentaram. Hoje consigo perceber um grande número de dificuldades na consecução do processo pedagógico, para as quais ainda não tenho propostas de resolução.

Algumas certezas foram corroboradas, como a do papel central do docente e de que mais do que capacitação teórica para prepará-los, é necessário envolvimento, conhecimento e principalmente articulação com os serviços, com a equipe pedagógica e com o grupo discente.

Mas aqui surgem novas questões. Como viabilizar isto? Como a Escola, hoje com seu papel de promover formação dentro de diversas áreas, com uma equipe mínima pode conseguir atingir tal objetivo?

É possível que, com a adoção de propostas inovadoras na capacitação de docentes, mas também uma estrutura de contratação e de parceria com os municípios, possa-se alcançar uma preparação condizente com a necessidade, tanto do docente, quanto do aluno e da Escola.

Ensinar, além de arte, é um esforço diário e contínuo para o desenvolvimento humano tanto do professor quanto do aluno. E é nesta busca que me coloco, aprendi muito, mas agora tenho plena certeza que preciso buscar mais, aprofundar meus conhecimentos, propor e conhecer novas formas de aprender e ensinar.

Este foi o primeiro degrau no caminho do conhecimento, espero ter possibilidade de continuar nele, encontrando parcerias como a que encontrei aqui.

## 6 REFERÊNCIAS

BERBEL, N.A.N. **Metodologia da problematização**: fundamentos e aplicações. Londrina: Eduel, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Educação profissional e tecnológica**: legislação básica. MEC, Brasília, 2001.

BUENO, E. **À sua saúde**: a vigilância sanitária na história do Brasil. Brasília: Ministério da Saúde/ANVISA, 2005.

CASAGRANDE, N. **O Processo de trabalho pedagógico no MST**: contradições e superações no campo da cultura corporal. 2001. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

CORREA, V. As relações sociais na escola e a produção da existência do professor. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (Orgs.). **Ensino médio integrado**: concepção e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.

COSTA, E.A.; SOUTO, A.C. Formação de recursos humanos para a vigilância sanitária, **Relatório da Oficina de Trabalho realizada no VI Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva**, Salvador, Bahia, Divulgação em Saúde para Debate, Rio de Janeiro, n. 25, p. 108-120, novembro 2001

CUNHA, M. C. M. Vigilância sanitária no Brasil: evolução histórica. In: WERNECK, G. A. F.; FEKETE, M.C, **Textos de Vigilância Sanitária**: VISA na atenção básica. Belo Horizonte: Cooperativa Editora e de Cultura Médica, 2007, p. 8-25.

DELUIZ, N. O modelo das competências profissionais no mundo do trabalho e na educação: implicações para o currículo. **Boletim Técnico do SENAC**, Rio de Janeiro: v. 27, n. 3, p. 12-25, set./dez., 2001.

ESCOLA TÉCNICA DE SAÚDE – ETS. **Avaliação da proposta formativa do curso técnico em vigilância sanitária e saúde ambiental sob a ótica dos egressos, professores e gerentes**. Blumenau, 2007.

FERRETI, C. J. ; SILVA JUNIOR, J.R. Educação Profissional numa sociedade sem empregos. **Cadernos de Pesquisa**, n. 109, p. 43-66, março/2000.

FONTINELE JÚNIOR, K. **Pesquisa em saúde**: ética, bioética e legislação. Goiânia: AB, 2001, V. xi.

HERNANDEZ, F. A Formação Docente: o desafio da qualificação cotidiana. **Revista Pátio**, USP, São Paulo, n.4, p. 1-5, fev./abr. 1998.

LEOPARDI, Maria Tereza. A finalidade do trabalho da enfermagem: a ética como fundamento decisório. **Texto & Contexto – Enfermagem**, v.4, n. 2, p.23-29, jul./dez.,1995.

LUCCHESI, G. **Globalização e regulação sanitária**: rumos da vigilância sanitária no Brasil. Brasília: Ed. ANVISA, 2008.

MARQUES, C.M.S. As necessidades do Sistema Único de Saúde e a formação profissional baseada no modelo de competências. In: **Formação**. Projeto de profissionalização dos trabalhadores da área de enfermagem, v. 2, n. 5, Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto comunista**. 5 ed. São Paulo: CHED, 1984.

MITRE, S.A. et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. **Ciência & Saúde Coletiva**, 13(Sup. 2): 2133-2144, 2008.

MINAYO, M.C.S. **O Desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 10.ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 5.ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF. UNESCO, 2002.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores**: unidade teoria e prática? 4.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTA, S. G. **O pedagogo na escola pública**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1991.

PIRES, D.P. A Estrutura Objetiva do Trabalho em Saúde. In: LEOPARDI, M.T. (Org.) et al. **O Processo de trabalho em saúde**: organização e subjetividade. Florianópolis: Programa de Pós Graduação em Enfermagem/UFSC; Ed.Papa-Livros, 1999, p.57-70.

POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem**: métodos, avaliação e utilização. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

RAMOS, M. **A pedagogia das competências**: autonomia ou adaptação. São Paulo: Cortez, 2001.

RODRIGUES, M.S.P; LEOPARDI, M.T. **O método de análise de conteúdo**: uma versão para enfermeiros. Fortaleza: Fundação Cearense de Pesquisa, 1999.

ROSEN, G. **Uma história da saúde pública**. São Paulo: HUCITE/UNESP/ABRASCO, 1994.

SAVIANI, D. O choque teórico da politecnicidade. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 131-152, março 2003.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.12, n. 34, jan./abr. 2007.

SORDI, M.R.L. de; BAGNATO, M.H.S. Subsídios para uma formação profissional crítica reflexiva na área da saúde: o desafio da virada do século. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 83-88, abril, 1998.

TARDIFF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

TARDIFF, M; LESSARD. **O Trabalho docente**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2007. 325 p.

TEIXEIRA, C. F.; COSTA, E. A. **Vigilância da saúde e vigilância sanitária: concepções, estratégias e práticas**. Brasília: ISC/ANVISA, 2003.

VASCONCELLOS, C. S. **Avaliação da Aprendizagem: práticas de mudança por uma práxis transformadora**. São Paulo: Libertad, 1998, vol. 6.

VAZ, M.R.C. Trabalho em Saúde: expressão viva da vida social. In: LEOPARDI, M.T. (Org.) et al. **O Processo de trabalho em saúde: organização e subjetividade**. Florianópolis: Programa de Pós Graduação em Enfermagem/UFSC; Ed.Papa-Livros, 1999, p.57-70

VICTORIA, C.G.; KNAUTH, D.R.; HASSEN, Maria da N. A. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema**. Porto Alegre: Tomo, 2000.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

WERMELINGER, M.; MACHADO, M. H.; AMÂNCIO FILHO, A. **Políticas de Educação Profissional: referências e perspectivas**. Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 15, n. 55, p. 207-222, abr/jun. 2007

## APÊNDICES

## APÊNDICE 1: TERMO DE ACEITE DE ORIENTAÇÃO

Eu, Maria Teresa Leopardi, Professor do Programa de Mestrado Profissional em Saúde e Gestão do Trabalho concordo em orientar o aluno Nanci Aparecida da Silva, no desenvolvimento de sua dissertação, tendo como tema: PROCESSO FORMATIVO DA ESCOLA TÉCNICA DE SAÚDE: UM OLHAR SOBRE O PROCESSO DE TRABALHO DOCENTE

Itajaí, 21 de novembro de 2008

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Teresa Leopardi

---

Mestranda: Nanci Aparecida da Silva



## APÊNDICE 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima identificado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir, a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

<b>2. Identificação do Sujeito da Pesquisa</b>	
Nome:	
Data de Nascimento:	Nacionalidade:
Estado Civil:	Profissão:
CPF/MF:	RG:
Endereço:	
Telefone:	E-mail:
<b>3. Identificação do Pesquisador Associado</b>	
Nome: Nanci Aparecida da Silva	
Profissão: Enfermeira	
Endereço: Rua XV de novembro, 55 Centro Blumenau	
Telefone: 47 33224271	E-mail: enf.nas@bol.com.br

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado (a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário (a) do projeto de pesquisa acima identificado. Discuti com o pesquisador responsável sobre a minha decisão em participar e estou ciente que:

1. O objetivo desta pesquisa é compreender e interpretar o processo formativo no curso Técnico em Vigilância Sanitária e Saúde Ambiental da Escola Técnica em Saúde de Blumenau, a partir da análise de conceitos do processo de trabalho na perspectiva do Materialismo Histórico.
2. O procedimento para coleta de dados se dará através de estudo de caso com docente do curso Técnico em Vigilância Sanitária e entrevistas com egressos do curso e seus respectivos gestores.
3. Não existem riscos esperados.
4. A minha participação tem como objetivo prestar informações sobre o processo do curso.
5. A minha participação é isenta de despesas e tenho direito de não aceitar responder a entrevista.
6. Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração nesta pesquisa no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação.
7. A minha desistência não causará nenhum prejuízo à minha saúde ou bem estar físico.
8. Os resultados obtidos durante este estudo serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em publicações científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados.
9. Poderei consultar o pesquisador responsável (acima identificado), sempre que entender necessário obter informações ou esclarecimentos sobre o projeto de pesquisa e minha participação no mesmo.

- 10.** Tenho a garantia de tomar conhecimento, pessoalmente, do(s) resultado(s) parcial (is) e final (is) desta pesquisa.
- 11.** O(s) benefício(s) esperado(s) é contribuir para a formação técnica na Escola Técnica de Saúde.

Declaro que obtive todas as informações necessárias e esclarecimento quanto às dúvidas por mim apresentadas e, por estar de acordo, assino o presente documento em duas vias de igual teor (conteúdo) e forma, ficando uma em minha posse.

Pesquisador Responsável

Nome:

Assinatura \_\_\_\_\_

Sujeito da Pesquisa \_\_\_\_\_

Testemunha: \_\_\_\_\_

### APÊNDICE 3: TERMO DE COMPROMISSO DE UTILIZAÇÃO E DIVULGAÇÃO DE DADOS

Eu, Nanci Aparecida da Silva, pesquisador associado na pesquisa intitulada **Processo formativo da escola técnica de saúde: Um olhar sobre o processo de trabalho docente**, declaro que conheço e cumprirei as normas vigentes expressas na Resolução Nº196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, e em suas complementares (Resoluções 240/97, 251/97, 292/99, 303/00 e 304/00 do CNS/MS), e assumo, neste Termo, o compromisso de, ao utilizar dados e/ou informações coletados nas entrevistas com o(s) sujeito(s) da pesquisa, assegurar a confidencialidade e a privacidade dos mesmos. Assumo ainda neste Termo o compromisso de destinar os dados coletados somente para o projeto ao qual se vinculam. Declaro ainda que os dados da pesquisa ficarão arquivados na Escola Técnica de Saúde de Blumenau.

Itajaí, 21 de novembro de 2008.

---

Pesquisadora Mestranda Nanci Aparecida da Silva

## APÊNDICE 4: ROTEIRO DE ENTREVISTA AO EGRESSO

### Perfil sócio-biográfico:

Nome:

Idade:

Sexo:

Escolaridade:

Formação:

Função:

Tempo de formação no Curso Técnico em Vigilância Sanitária e Saúde Ambiental:

### Temas da entrevista:

- Avaliação do processo ensino-aprendizagem no curso Técnico em Vigilância Sanitária e Saúde Ambiental.
- Fatores que facilitaram e/ou dificultaram o processo ensino-aprendizagem no curso.
- Influência da metodologia problematizadora no processo ensino-aprendizagem.

## APÊNDICE 5: ROTEIRO DE ENTREVISTA AO GESTOR

### Perfil sócio-biográfico:

Nome:

Idade:

Sexo:

Formação:

Função:

Tempo na função:

### Tema da entrevista:

- Adequação do trabalho do egresso do curso às necessidades do serviço de Vigilância Sanitária.

## APÊNDICE 6: ROTEIRO DE ENTREVISTA AO PROFESSOR

### Perfil sócio-biográfico:

Nome:

Idade:

Sexo:

Formação:

Tempo de formação:

Função:

Tempo na função:

Tempo de experiência docente:

Formação pedagógica:

Forma de acesso ao corpo docente da ETS

### Temas das entrevistas:

- Processo ensino aprendizagem no curso Técnico em Vigilância Sanitária e Saúde Ambiental
- Compreensão do processo ensino aprendizagem enquanto processo de trabalho.
- Finalidades na educação profissional e competências previstas no curso.

- Ensino serviço como organização do processo ensino-aprendizagem.
- Metodologia problematizadora enquanto instrumento de trabalho.
- O aluno do curso Técnico em Vigilância Sanitária e Saúde Ambiental como objeto de trabalho.
- O docente como força de trabalho.

## ANEXOS



## ANEXO 1: CATEGORIZAÇÃO EGRESSOS

Categoria Finalidade do Trabalho: 15

Subcategorias: Competências para o exercício da VS (5), dificuldades e limites (4), processo ensino-aprendizagem adequado (6)

Categoria Força de Trabalho: 22

Subcategorias: Conhecimento (9), dificuldades (4), limites (1), não cumprimento das finalidades (1), possibilidades (3), processo ensino-aprendizagem (3), visão do aluno sobre a capacitação docente (1)

Categoria Instrumento de Trabalho: 12

Subcategorias: Conhecimento (2), conhecimento sobre a realidade (1), limites (1), processo ensino-aprendizagem (8)

Categoria Necessidade: 1

Subcategoria: Possibilidades (1)

Categoria Organização do Trabalho: 15

Subcategoria: Conhecimento (1), Dificuldades (4), Dificuldades com módulo (3), limites (3), possibilidades (1), processo ensino-aprendizagem (3),

Categoria Objeto de Trabalho: 8

Subcategorias: Conhecimento (2), dificuldades (1), possibilidades (5)

Categoria Outros:4

<i>Código</i>	<i>Registros</i>	<i>Categoria</i>	<i>Subcategorias</i>
E5U6	<i>A gente fez ótimos estágios nos hospitais, farmácias principalmente saúde do trabalhador, que era um assunto que pouco se falava dentro da vigilância sanitária</i>	<i>FIT</i>	<i>Competências para o exercício da VS</i>
E1U5	<i>Trabalho sobre a saúde do trabalhador da turma foi bem interessante</i>	<i>FIT</i>	<i>Competências para o exercício da VS</i>
E1U3	<i>muitas coisas poderiam ser melhoradas, e muitas matérias eu não vi muito sentido, mais trabalhos, provas... poderiam ter forçado mais</i>	<i>FIT</i>	<i>Dificuldades e limites</i>
E1U7	<i>Tem que ser mais cobrado em questão de horários</i>	<i>FIT</i>	<i>Dificuldades e limites</i>

E1U2	<i>muitos temas não foram novidade para mim, esperava algo mais aprofundado, muitos colegas não tinham ainda feito cursos que mostravam esse temas e foi bom para eles aprenderem isso,</i>	FIT	<i>Dificuldades e Limites</i>
E4U50	<i>gente já tinha o curso de ações básicas promovido pelo estado, simples e totalmente diferente, simplesmente te passavam a lei e te ensinavam como fazer o auto e mais nada.</i>	FIT	<i>Dificuldades e Limites</i>
E5U62	<i>muita coisa que não era abordada na vigilância, muita coisa que se abrange na vigilância e as pessoas acham que é só alimento, ali começou a se discutir a vigilância e saúde</i>	FIT	<i>Competências para o exercício da VS</i>
E5U63	<i>começamos a olhar com um olhar mais técnico, o curso possibilitou isso</i>	FIT	<i>Competências para o exercício da VS</i>
E5U60	<i>dois anos foi muito proveitoso, foram 1800 horas, enquanto o curso de ações básicas é de 4 semanas, tem um resultado bom. Daí a gente teve um tempo maior, fazer estágio, mais professores</i>	FIT	<i>Competências para o exercício da VS</i>
E5U74	<i>a gente via e já fazia, e não ficava por esquecido aquela matéria, então abordaram bem a teoria e a prática.</i>	FIT	<i>Proc.. Ens. Aprend.</i>
E3U23	<i>o aprendizado na sua maioria foi assim muito importante</i>	FIT	<i>Processo ensino aprendizagem adequado</i>
E3U28	<i>formou entre os municípios um grupo que estava muito interessado e que fazia questão de participar de tudo, um grupo que não faltava, e a gente procurava sempre trabalhar junto, não é bom, mas foi o que a gente achou de trabalhar melhor</i>	FIT	<i>Processo ensino aprendizagem adequado</i>
E5U72	<i>Teve uma integração boa, os professores conseguiram fazer uma integração entre a aula teórica e a prática (com a metodologia)</i>	FIT	<i>Processo ensino aprendizagem adequado</i>
E3U29	<i>tinham interesse em aprender, prestavam atenção, e não era só gente nova como eu, tinham alguns que trabalhavam há muito tempo na vigilância e isso ajudou na troca de idéias e informações, por que eles estavam lá com um objetivo que era aprender e colocar em prática tudo que fosse possível</i>	FIT	<i>Processo ensino -aprendizagem adequado</i>
E4U48	<i>aquilo foi ligando, depois passamos para a parte pratica, de autuação, legislação e essa dinâmica foi pra mim muito satisfatória</i>	FIT	<i>Processo ensino -aprendizagem adequado</i>
E3U21	<i>Eu que não tinha o conhecimento, o que foi vindo foi muito interessante, e eu passei a ter uma visão mais técnica</i>	FT	<i>Conhecimento</i>

E3U22	<i>eu aprendi muito, vinham professores novos, a gente teve muitos professores do Estado, eles vieram pra dar aula pra gente.</i>	FT	Conhecimento
E4U52	<i>já passei nas diversas áreas, o que eu aplico é a parte de planejamento e programação que foi trabalhada no curso, checar a realidade, levantar as necessidades, ...(situação de se virar) tem que prever o contratempo, o planejamento em si, o que foi muito bom e a parte de investigação epidemiológica, como agora a gente tem as doenças relacionadas com a água, hepatite, tem que ter o olhar critico, tentar determinar qual foi a forma de contágio, de contaminação</i>	FT	Conhecimento
E2U10	<i>foi bem dividido, nos seus eixos, conseguindo contemplar todas as necessidades de um agente sanitário (conhecimento), desde a parte introdutória, de ações básicas até a parte de média complexidade que a gente acabou concluindo no curso,essa parte de legislação e o estágio foi muito importante, acho que a teórica e a prática eram bem relacionadas.</i>	FT	Conhecimento
E2U13	<i>Tudo o que eu aprendi lá no curso eu consegui aplicar aqui no SUS</i>	FT	Conhecimento
E5U57	<i>O curso foi bem abordado isso, como na parte teórica, como na prática,</i>	FT	Conhecimento
E5U65	<i>professores muitos capacitados</i>	FT	Conhecimento
E5U61	<i>peessoas muito boas dando aula</i>	FT	Conhecimento
E2U12	<i>eu tive todo o conhecimento da área de vigilância pelo curso técnico</i>	FT	Conhecimento
E2U14	<i>a dificuldade foi que eu fiquei pouco na parte técnica, a falta da prática</i>	FT	Dificuldades
E3U20	<i>eu estava há um ano na Vigilância Sanitária e eu nem tinha noção no que ia trabalhar</i>	FT	Dificuldades
E4U43	<i>momentos que foram difíceis, porque a gente faz a parte de confecções de relatórios, ..... Pegar o teu trabalho e fazer daquilo um relatório, nessa parte eu senti mais dificuldade.</i>	FT	Dificuldades
E5U69	<i>Principal problema foi mesmo o cansaço, ter que trabalhar o dia todo e também teve momentos que a gente tinha estagio e aula, ficou pesado.</i>	FT	Dificuldades
E1U1	<i>eu esperava (aprender) um pouco mais</i>	FT	Limites

E5U73	<i>a gente via a realidade, a gente ia aos locais e ele (prof A) colocava que a gente ia deparar com um monte de erros, mas que naquele momento não iríamos interferir, porque estávamos indo lá em estágio</i>	FT	<i>Não cumprimento de finalidades</i>
E4U53	<i>O olhar crítico, pensar epidemiologicamente a visão de prevenção isto é 100% do nosso trabalho.</i>	FT	<i>Possibilidades</i>
E4U54	<i>eu sinto necessidade hoje seria tipo um feedback, atualização, eu acho que seria interessante para quem já está muito tempo na área, até pra gente ver conceitos novos, rever coisas.</i>	FT	<i>Possibilidades</i>
E5U67	<i>muitos casos a gente já ia para aula prática, muitos pontos a gente chegou a discutir a cobrança de alvará, a liberação, os casos de doença, foi bem aproveitado essa troca de idéias</i>	FT	<i>Possibilidades</i>
E4U42	<i>uma expectativa muito grande para uma formação melhor, eu lembro que antes do curso a gente aplicava as leis e questionavam a gente e a gente dizia, por que ta na lei, depois do curso abriu os horizontes, abriu o conhecimento da gente e daí a gente pode explicar o porquê daquilo que a gente tava pedindo, diferente de antes, em que a gente não sabia responder e dizia ta na lei, trouxe subsídios para no dia a dia poder convencer e educar as pessoas, no sentido de mudar aquilo que estava errado.</i>	FT	<i>Processo ensino aprendizagem</i>
E4U44	<i>a gente ansiava muito pelo conhecimento, foi tranqüilo e enriquecedor.</i>	FT	<i>Processo ensino-aprendizagem</i>
E5U79	<i>o professor ia junto com a gente pesquisar e depois discutir, troca de informação e a gente poder aplicar no nosso trabalho</i>	FT	<i>Processo ensino-aprendizagem</i>
E3U33	<i>na maioria eram ótimos, mas tinha um e outro, que era a primeira vez que entrava em sala. A gente esperava que o professor soubesse tudo e alguns demonstraram insegurança, mas naquele assunto ele precisa ter domínio, isso é importante na hora da seleção.</i>	FT	<i>Visão do aluno sobre a capacitação docente</i>
E5U77	<i>Teve bastante troca de informação, porque todos tinham um conhecimento e puderam colocar a sua vivência, a gente conseguiu trocar (com a metodologia)</i>	IT	<i>Conhecimento</i>
E5U78	<i>Vários profissionais tinham outros conhecimentos e trouxeram isso para o nosso dia-a-dia (com a metodologia)</i>	IT	<i>Conhecimento</i>
E3U39	<i>A gente ia pra sala de aula, e depois conseguia aplicar na prática, no outro dia da aula, a gente saia</i>	IT	<i>Conhecimento aplicado a realidade</i>

	<i>em dupla e ia fazer a vistoria, e olhava no curso a gente viu isso, é desse jeito. Tinha como colocar isso no nosso dia a dia.</i>		
<i>E4U47</i>	<i>nos tivemos alguns problemas (com a metodologia), porque na cabeça da gente a gente acha que tem que ser de uma maneira, e a gente nunca trabalhou com isto. Depois fomos juntando as partes e no final, a melhor parte do curso</i>	<i>IT</i>	<i>Limites</i>
<i>E3U38</i>	<i>gente não vai ganhar nada de material e depois a gente foi vendo como foi bom, se fosse de outro jeito, a gente podia ter uma pilha de material, mas a gente sabe que só leria aquilo do dia. Tu acaba aprendendo até mais</i>	<i>IT</i>	<i>Processo ensino aprendizagem</i>
<i>E5U66</i>	<i>metodologia do curso foi uma integração boa</i>	<i>IT</i>	<i>Processo ensino aprendizagem</i>
<i>E5U75</i>	<i>Aproveitou bastante a prática que a gente já tinha (com a metodologia)</i>	<i>IT</i>	<i>Processo ensino aprendizagem</i>
<i>E5U80</i>	<i>também teve matérias que o estágio ficou muito longe, algumas matérias teve muita teoria e pouca prática.</i>	<i>IT</i>	<i>Processo ensino aprendizagem</i>
<i>E2U15</i>	<i>A metodologia foi bem diferenciada, a gente tinha os problemas e construía, aprendemos a resolver os problemas, isso foi com o grupo uma construção</i>	<i>IT</i>	<i>Processo ensino-aprendizagem</i>
<i>E2U16</i>	<i>Essa metodologia onde a gente buscava as respostas é que facilitou bastante, a dinâmica de trabalho, a gente colocando as diversas propostas.</i>	<i>IT</i>	<i>Processo ensino-aprendizagem</i>
<i>E3U37</i>	<i>colocou como tudo ia acontecer, sobre a Metodologia, a avaliação, que seria um processo do dia-a-dia, a gente ia construindo, mas a gente não ganhou material e isso hoje faz falta, mas foi produtivo, não tinha nada pronto a gente tinha que ir buscar, pesquisar, não vinha nada pronto, isso força, e a gente fica mais atento.</i>	<i>IT</i>	<i>Processo ensino-aprendizagem</i>
<i>E4U46</i>	<i>essencial a didática, a dinâmica porque quando a gente tem o anseio de uma coisa e vê as tuas dúvidas e teus questionamentos serem solucionados você fica fascinado. É super gratificante</i>	<i>IT</i>	<i>Processo ensino-aprendizagem</i>
<i>E2U11</i>	<i>a gente aprendia mesmo, aqui de média complexidade a gente faz só farmácia. a gente conseguiu fazer uma reorganização na questão da vistoria nos estabelecimentos da área de saúde, graças aos conhecimentos adquiridos lá no curso. Conseguiu por isso em prática, a questão da vistoria e a</i>	<i>N</i>	<i>Possibilidades</i>

	<i>aplicação da legislação.</i>		
<i>E5U58</i>	<i>Foi bem produtivo a parte dos estágios e das visitas.</i>	<i>Org. do Proc. de Trabalho</i>	<i>Conhecimento</i>
<i>E5U64</i>	<i>a carga-horária do curso era pesada, o transporte foi o pior de todos para nós</i>	<i>Org. do Proc. de Trabalho</i>	<i>Dificuldades</i>
<i>E5U68</i>	<i>Para a escola foi conseguir fazer os estágios, por medo do pessoal. Muitas vezes a vigilância tem que intervir</i>	<i>Org. do Proc. de Trabalho</i>	<i>Dificuldades</i>
<i>E5U59</i>	<i>Alguns pontos eu achei terrível, muito corrido, a gente já ia pra lá cansado, as vezes nem dava tempo de tomar um café, pegava a 470, tivemos dois acidentes no percurso, um foi bem grave. Ai também teve os estágios, daí a gente tinha que ficar o dia inteiro,</i>	<i>Org. do Proc. de Trabalho</i>	<i>Dificuldades</i>
<i>E4U45</i>	<i>O curso foi diurno (em alguns momentos), devido à disponibilidade dos profs. Mas ao apoio incondicional da chefia, isto não atrapalhou o andar do serviço, recuperando em hora extra, fim de semana.</i>	<i>Org. do Proc. de Trabalho</i>	<i>Dificuldades</i>
<i>E3U34</i>	<i>A grade é extensa tem muita coisa, deve tentar colocar ele naquilo que tem domínio</i>	<i>Org. do Proc. de Trabalho</i>	<i>Dificuldades com modulo</i>
<i>E3U35</i>	<i>O primeiro módulo a gente trabalhou primeiro o SUS e foi muito interessante e que eu não idéia.</i>	<i>Org. do Proc. de Trabalho</i>	<i>Dificuldades com modulo</i>
<i>E3U36</i>	<i>Não teve nenhum módulo que posso dizer que foi ruim, foram coisas pontuais, assim um ou outro professor que meio que bagunçou, marcava coisas que não acontecia, entrega de material que não aconteceu.</i>	<i>Org. do Proc. de Trabalho</i>	<i>Dificuldades com modulo</i>
<i>E3U40</i>	<i>traz mais segurança, procurando melhorar os pontos falhos, mesmo assim as pessoas tem que aproveitar a oportunidade de estar fazendo. Tem que se ater aos pré-requisitos, mas se abriu e isso atrapalhou um pouco o curso.</i>	<i>Org. do Proc. de Trabalho</i>	<i>Limites</i>
<i>E1U6</i>	<i>bastante alunos não estavam na área, e não debateram tanto os assuntos, faltou integração dos professores e dos alunos, grupo diversificado.</i>	<i>Org. do Proc. de Trabalho</i>	<i>Limites</i>
<i>E1U9</i>	<i>teria que ser crítico em relação a avaliação</i>	<i>Org. do Proc. de Trabalho</i>	<i>Limites</i>
<i>E1U8</i>	<i>poderiam abrir vagas para professores de outras regiões, os professores de Blumenau direcionavam muito</i>	<i>Org. do Proc. de Trabalho</i>	<i>Possibilidades</i>

E3U31	<i>deveria ter um critério mais rigoroso na avaliação, naquela época não se levou isso em conta, quem tinha mais de setenta por cento passou e teve momentos que teve pessoas que tinham que ser tiradas do curso</i>	Org. do Proc. de Trabalho	<i>Processo ensino aprendizagem</i>
E4U49	<i>depois todo mundo teve dificuldade na parte de relatório, mas a ETS proporcionou um professor para trabalhar especificamente com isso, veio e tivemos 3 ou 4 períodos de aula, exclusivamente sobre relatórios, modelos de trabalho e utilizamos até hoje em dia, no decorrer do trabalho da gente, constantemente. Esse foi uma das dificuldades, depois as coisas começaram a deslanchar no começo umas noções e ia para a prática e depois ia pro outro módulo e depois assim por diante assim foi muito enriquecedor, estudar uma coisa na sala e depois na prática.</i>	Org. do Proc. de Trabalho	<i>Processo ensino aprendizagem</i>
E3U26	<i>abriu os olhos de quem estava novo eu acho que foi muito bom, pra quem já estava há mais tempo talvez não tenham achado, mas para mim que era nova foi muito importante. Foi muito legal, muito bom mesmo.</i>	OT	<i>Conhecimento para o exercício da VS</i>
E3U30	<i>objetivo além de aprender era agregar mais informações, a gente sabia que dali saía, e podia crer que a equipe era comprometida</i>	OT	<i>Conhecimento para o exercício da VS</i>
E2U19	<i>dificuldade era a distancia</i>	OT	<i>Dificuldades do aluno</i>
E5U70	<i>O curso preparou muito bem, a pessoa para trabalhar.</i>	OT	<i>Possibilidades na profissão</i>
E1U4	<i>abre a cabeça, fica mais seguro porque aprende coisas novas.</i>	OT	<i>Possibilidades na profissão</i>
E3U24	<i>começou a compreender como eu devo ser como profissional, aqui a gente tava mais encaminhado</i>	OT	<i>Possibilidades na profissão</i>
E3U25	<i>eles davam idéia como a gente trabalhar, facilitou o trabalho em campo, ele abriu os olhos da gente para muita coisa que a gente deixava passar.</i>	OT	<i>Possibilidades na profissão</i>
E4U51	<i>curso técnico expandiu todo esse horizonte, no mais não tive outras dificuldades</i>	OT	<i>Possibilidades na profissão</i>
E2U18	<i>foi bem proveitoso (o curso)</i>	Outros	
E2U17	<i>alunos de diversas realidades colocava as dificuldades do trabalho, uns muito pequenos outros maiores, e a questão política.</i>	Outros	

<i>E3U32</i>	<i>eles tinham muita dificuldade e daí chegavam atrasados e acabava atrapalhando, se não fosse de tão longe poderia ter trabalhado melhor. O transito dificulta.</i>	<i>Outros</i>	
<i>E4U41</i>	<i>(o curso) um grande avanço</i>	<i>Outros</i>	



## ANEXO 2: CATEGORIZAÇÃO GESTORES

Categoria Finalidade do Trabalho (1)

Subcategoria Comportamento (1)

Categoria Força de trabalho (14)

Subcategoria: Comportamento (3), Conhecimento (6), Limite (3), possibilidades (2)

Categoria Necessidade (1)

Subcategoria: Percepção da comunidade (1)

Categoria Objeto de trabalho (2)

Subcategoria: comportamento (1), possibilidades (1)

Categoria: Outros (1)

Categoria: Percepção da comunidade (3)

Categoria: Sugestões (2)

<i>Código</i>	<i>Registros</i>	<i>Categorias</i>	<i>Subcategorias</i>
G1U6	<i>É a forma de fiscalização, tem diferença na conduta que vai mais para a orientação e só em ultimo caso ele atua,</i>	<i>FI</i>	<i>Comportamento</i>
G1U7	<i>o TV tem uma visão mais ampla abordando vários temas</i>	<i>FT</i>	<i>Comportamento</i>
G2U15	<i>quando é um técnico do estado ele vai e executa a ação, quando entra um TVS ele não executa apenas, ela executa um trabalho de educação, de convencimento de construção com o proprietário, buscando incluir ele num novo modelo de assistência,</i>	<i>FT</i>	<i>Comportamento</i>
G2U24	<i>o que eu sei é que na época da formação eles já se diferenciavam, iam lá para fazer as atividades, voltavam discutiam as atividades, nas visitas técnicas que eles faziam em Blumenau</i>	<i>FT</i>	<i>Comportamento</i>
G1U1	<i>percebi uma melhora depois do decorrer do curso, depois da confusão [entender o Processo] houve uma melhora na questão do saber</i>	<i>FT</i>	<i>Conhecimento</i>
G1U2	<i>Houve uma melhora na aprendizagem, em algumas questões que ou não sabiam ou tinham duvidas, que foram tiradas no</i>	<i>FT</i>	<i>Conhecimento</i>

	<i>curso</i>		
G1U3	<i>Diferença no preenchimento..teve aulas específicas</i>	<i>FT</i>	<i>Conhecimento</i>
G1U4	<i>Quem tinha dificuldade nos artigos da legislação houve uma melhora</i>	<i>FT</i>	<i>Conhecimento</i>
G1U5	<i>O fiscal tem um curso tem o curso de um mês e o Técnico em Vigilância (TV) 1800 hs.</i>	<i>FT</i>	<i>Conhecimento</i>
G2U12	<i>São dois tipos de formação amplamente diferente, uma do estado ela te ensina apenas a ser fiscal, cumprir legislação, ser um mero cumpridor de lei. O técnico te ensina a pensar e desconstrói o paradigma de que tu és apenas um fiscal e sim ela te obriga a renascer,... Obriga-te a pensa a reconstruir fatos e fatores, onde sendo apenas um fiscal tu não observa, então tu não entra num estabelecimento apenas observando piso e parede</i>	<i>FT</i>	<i>Conhecimento</i>
G2U14	<i>os municípios que tem o técnico tem uma estrutura um tanto quanto diferenciada, talvez o resultado não seja imediato</i>	<i>FT</i>	<i>Limites</i>
G2U17	<i>O problema ainda é que nós não temos profissionais que entendam a relação da informação ,a da grandeza da informação produzida pela epidemiologia para ser aplicada no dia a dia. Da sanitária ou da própria secretaria de saúde</i>	<i>FT</i>	<i>Limites</i>
G3U21	<i>somente 2 fizeram o curso; se todos os seis tivessem feito o curso lá, mais as capacitações oferecidas pela SES (Secretaria Estadual de Saúde) eu acho que eles teriam uma melhor condição técnica de estar atuando como fiscal.</i>	<i>FT</i>	<i>Limites</i>
G2U18	<i>A partir do momento que nos tivermos profissionais, ai não apenas de nível médio mas também de nível superior para poder fazer análise dessa informação e orientar para que lado a gente deve correr, para orientar para onde a gente deve seguir para a intervenção vai se muito mais eficiente</i>	<i>FT</i>	<i>Possibilidades</i>
G2U20	<i>a vigilância deixa de ser um órgão policiaisco, para ser um órgão integrador, esse eu acho o maior brilhantismo do curso técnico.</i>	<i>FT</i>	<i>Possibilidades</i>
G1U8	<i>Os empresários vem após o trabalho técnico e agradecem, se tornam parceiros</i>	<i>Necessidade</i>	<i>Percepção da comunid</i>
G2U13	<i>interagir com o ambiente, tu és obrigado a vislumbrar outras situações alem do espaço físico em torno do processo. Além d te obriga a vislumbrar a integração do estabelecimento com a sociedade e inserir ele ainda no SUS</i>	<i>OT</i>	<i>Comportamento</i>
G2U19	<i>o que aconteceu, foi desconstruído tudo que a gente tinha construído. O que aconteceu foi quebrar paradigmas</i>	<i>OT</i>	<i>Possibilidades</i>
G2U16	<i>falhamos nesta dicotomia, não é por que existe uma estrutura física separada dos dois serviços que nos temos que ter os</i>	<i>Outros</i>	

	<i>serviços serem diferenciados</i>		
<i>G1U9</i>	<i>visão que a população tem da vigilância e o técnico contribui para a melhoria desse aspecto, visando a melhoria dessa atividade</i>	<i>Percep. comunid.</i>	
<i>G1U10</i>	<i>num primeiro momento eles até se assustavam com o que a gente pedia de melhorias</i>	<i>Percep comunid</i>	
<i>G3U23</i>	<i>Eu acompanhei a formação e sai logo depois, em início de 2006, logo depois que eles se formaram, eu sai do município então eu não peguei o período de atuação deles, nestes três meses eu não consigo perceber a diferença, pois eles atuam conjuntamente e todos estão há bastante tempo no serviço e podem não ter uma formação específica, mas se tornam técnicos pela praticidade do dia a dia, pelo trabalhos que eles realizam, troca de conhecimentos entre eles mesmos, da necessidade de estar se atualizando aprimorando os conhecimentos em legislação, em outras atividades, eles vão se aprimorando.</i>	<i>Percepção gestor</i>	
<i>G1U11</i>	<i>questões mais específicas, para o dia a dia, abordando mais a realidade da região, de repente ate fazer uma pesquisa de mercado</i>	<i>Sugestões</i>	
<i>G3U22</i>	<i>Foi uma capacitação muito boa, inclusive na época a gente sempre participava junto dos exercícios que a Escola propunha com as atividades que eles faziam e que era uma coisa que entusiasmava muito o técnico, o profissional que tava lá fazendo curso. Então eu acho que isso serve para capacitação desse profissional que em concurso público é qualquer pessoa que tem anos e que pega o material para estudar e que não tem capacitação . Eu acho que na verdade, se a gente continuar com esse curso de formação, daqui pra frente o município vai poder solicitar em concurso a busca desse profissional já capacitado e não de pessoa que esteja disponível no mercado, então eu acho que a Escola poderia estar implementando maior numero de turmas para possibilitar a gestão ter esse profissional formado em Vigilância para estar buscando para o trabalho, então uma atuação rápida e eficaz no serviço, do que depois do concurso ainda mandar ele pra capacitação do Estado.</i>	<i>Sugestões</i>	

## ANEXO 3: LISTA DE FALAS PROFESSOR

## LISTA DE FALAS DOCENTE

## Objeto de Trabalho – 29

Dificuldades do aluno –09

Conhecimento prévio do aluno – 11

Características subjetivas – 03

Processo de mudança após o curso -06

<i>Tema</i>	<i>Fala</i>	<i>Código</i>
<i>Caract. - alunos com dificuldade</i>	<i>Ao mesmo tempo tem o grande desafio de trazer informação pra pessoas de pequena ou muito pouca informação, muito pouca formação básica, alunos com dificuldade na escrita, da redação com dificuldade técnica de aprendizado mesmo em áreas específicas, microbiologia, parte de conhecimento técnico em inúmeras doenças, de outras informações que ele precisa no dia a dia, isso tudo gerou uma dificuldade muito grande e gera em cada curso que acontece uma dificuldade muito grande de transpor essas barreiras que o aluno consiga ter o mínimo de informação técnica pra pode ter desenvoltura, ter tranquilidade pra aplica o trabalho dele, pra ter rotina e ao mesmo tempo ter a necessidade de conciliar essa informação técnica com atividade pratica, com objetividade</i>	<i>D1U24</i>
<i>Caract. - alunos com dificuldade</i>	<i>e complicado formar um bom técnico de vigilância ambiental, saúde do trabalhador com conhecimento que ele traz anterior ao curso, muito limitado, em vários alunos a gente percebe isso, trazer conhecimento técnico pra que ele consiga ter desenvoltura na atividade e ao mesmo tempo estar aberto, estar assimilando novos conhecimentos, também como eu citei, porque e uma atividade extremamente dinâmica.</i>	<i>D1U26</i>
<i>Caract. - alunos com dificuldade</i>	<i>vem como uma pressão muito grande, que vem estressados do dia a dia, com a responsabilidade de aprender um assunto muito complexo</i>	<i>D2U38</i>
<i>Caract. - alunos com dificuldade</i>	<i>Eles têm uma dificuldade enorme de escrever, de transcrever, de passar pra palavra o pensamento deles e isso é importante como diagnostico pra eles, a gente pode também corrigi isso durante o curso e não depois se lastimar só.</i>	<i>D2U50</i>
<i>Caract. - alunos com dificuldade</i>	<i>E a avaliação de uma forma geral eu acho que é importante porque cria uma necessidade do aluno de revisar a matéria, que a gente nota também no adulto que ele tem uma certa arrogância de achar que aquele assunto que eles conhecem superficialmente é o suficiente pra eles e quando a gente começa a entrar num assunto técnico um pouco mais detalhado por necessidade, eles continuam achando que sabem o assunto e não se dão ao trabalho nem de reler a matéria.</i>	<i>D2U52</i>
<i>Caract. - alunos com</i>	<i>é importante que o aluno exercite a escrita, demonstre a escrita pra nos, pra que a gente avalie, exercite a escrita e continue exercitando tudo, porque</i>	<i>D2U53</i>

<i>dificuldade</i>	<i>mesmo sendo áreas que eventualmente ele conheça, mas ele não conhece a fundo. Ele tem que estudar pra conhece um pouquinho mais esse assunto e ter essa bagagem de técnica pra eventualmente usar no trabalho</i>	
<i>Caract. - alunos com dificuldade</i>	<i>Acho que a mesma dificuldade que tem na matemática do raciocínio matemático aritmético, tem a mesma dificuldade de fazer o raciocínio da escrita e isso quando chega num curso como esse já adulto, já com vícios, já com dificuldades crônicas, eles tem uma rejeição a isso muito grande, mas eu brigo com eles pra que eles aprendam isso e exercitem isso porque é a necessidade do dia a dia.</i>	<i>D2U55</i>
<i>Caract - alunos com dificuldade</i>	<i>eles achavam que era simplesmente jogar no papel idéias, aleatórias sem nexos, sem conexão e ficava pronto, não ta pronto, tem que ter uma linha lógica dentro desse documento, senão as pessoas que vão receber esse documento de vocês não vão entender</i>	<i>D2U60</i>
<i>Caract - alunos com dificuldade</i>	<i>A dificuldade da redação, da gramática e isso acaba interferindo no curso, porque ele tem dificuldades em varias etapas, em vários módulos e sempre e o mesmo problema de formação que e a mesma parte do manuscrito.</i>	<i>D4U110</i>
<i>Caract - prévio conhecimento</i>	<i>esse desafio proposto de passar essa informação pra alunos que já tinham prévio conhecimento empírico e um pouco técnico</i>	<i>D1U19</i>
<i>Caract - prévio conhecimento</i>	<i>entendam que aquela atividade que eles exerceram durante vários anos muitas vezes ela foi pautada por pouco conhecimento técnico, por diretrizes muitas vezes ate políticas de atuação, resgata esse aluno, resgata esse recurso humano, pra atividade técnica, e uma atividade técnica permeada de problemas de gerencia política</i>	<i>D1U20</i>
<i>Caract - prévio conhecimento</i>	<i>gera uma ansiedade enorme de necessidade de um conhecimento amplo, já de uma desenvoltura que eles não tem, isso tudo trabalhado na pedagogia, na atividade escola e um desafio muito grande porque a gente tem não só como professor, mas como coordenador de atividade de estagio, supervisão ou mesmo no auxilio as coordenações que passaram pela escola, e um desafio muito grande porque isso não há precedente pra que se pautar a conduta.</i>	<i>D1U22</i>
<i>Caract - prévio conhecimento</i>	<i>Não vi nenhum aluno né, completamente desprovido da informação de uma rotina do trabalho da vigilância, isso como eu falei acredito que seja em função disso, dessa informação que se dissipa entre eles, que se transmite no dia a dia, porque é um assunto que se torna rotina deles o assunto, então se conversa no ônibus, se conversa no bar, se conversa no intervalo da aula, eles vão acabando assimilando isso e eu vejo, não notei essa dificuldade entre alunos</i>	<i>D3U81</i>
<i>Caract - prévio conhecimento</i>	<i>todos traziam informações novas, conhecimentos quem sabe não deles mais de um terceiro, que eles tinham de rotinas, de realidades que traziam pra sala de aula e não foi, eu não consegui perceber nas cadeiras que eu ministrei essa dificuldade, quem sabe os professores no inicio tiveram uma percepção melhor, eu não notei isso.</i>	<i>D3U82</i>
<i>Caract - prévio conhecimento</i>	<i>maior dificuldade somada que é justamente trabalhar esse aluno que é um adulto e que já vem também dentro desses desafios que ele tem do dia a dia com vícios com soluções empíricas que ele acabou tendo que tomar nessa rotina desafiadora</i>	<i>D4U87</i>
<i>Caract - prévio conhecimento</i>	<i>dificuldade da escola e do professor que é quebrar esse viés que o aluno acabou tornando tecnicamente errado, equivocado e fazer ele entender que ele teria que tomar outro caminho, isso é outro desafio bastante complexo porque o aluno vem como adulto, vem com isso já estabelecido como rotina, como</i>	<i>D4U88</i>

	<i>pra ele e desfazer essa falsa verdade é muito complicado, então são os desafios bem complexos que a escola tem e tem conseguido vencer nesses últimos cursos, vem se aprimorado e acredito que isso tende a cada vez ser mais positivo e ter um resultado melhor</i>	
<i>Caract conhecimento - prévio</i>	<i>grande desafio dessa escola, desse curso e eu acredito que não só desse curso, mas de outros de nível médio, mas desse em especial porque o aluno já vem forjado na sua rotina e a quantidade de conhecimento mínimo que ele tem pra ser um bom técnico, o conhecimento técnico e o bom senso também consegue de alguma forma inculcar no aluno e bem mais difícil porque ele já vem com seus pré valores estabelecidos e tem convicção de que aquilo é o certo porque funcionou lá na sua rotina.</i>	<i>D4U96</i>
<i>Caract conhecimento - prévio</i>	<i>O aluno vem moldável, vem flexível, porque ele não tem experiência profissional, quando tem e de um estágio, de uma outra atividade muito incipiente, muito artificial e muito diferente da realidade de um aluno do curso técnico nosso, que ele veio de uma rotina de extremo comprometimento do profissional com aquele trabalho</i>	<i>D4U100</i>
<i>Caract conhecimento - prévio</i>	<i>ele tem que aprender todas as demandas, ter condições de dar resposta a uma série de dificuldades que vem da rotina e são dificuldades, muitas vezes muito acima da capacidade que ele tem de conhecimento, então eles improvisam e como eu falei antes criam soluções próprias, eles criam alpinismos da própria atividade deles, porque eles não conhecem mais do que o conhecimento passado de algum outro profissional ou de algum outro ensinamento de um curso rápido de Florianópolis como e feito lá de ações básicas, um curso muito rápido e um curso que o aluno vê tudo superficialmente e acaba tendo que te essa, essa desenvoltura profissional estressante, feita num ritmo aceleradíssimo e por isso que é complicado o professor te essa sensibilidade de entender que esse aluno vem com valores já estabelecidos, forjado mesmo nessa rotina de dificuldades</i>	<i>D4U101</i>
<i>Caract conhecimento - prévio</i>	<i>Ter a mesma boa vontade de querer modificar esses alunos que vem com certeza, vem com suas rotinas já estabelecidas, e trazer pra eles o máximo de conhecimento,</i>	<i>D4U108</i>
<i>Caract subjetiva</i>	<i>uma dificuldade muito grande na segunda turma principalmente em que existia essa característica e ainda um tempero a mais que era uma característica política, alunos muito politizados e muito críticos</i>	<i>D4U95</i>
<i>Proc. de mudança</i>	<i>eu vi a maioria desses alunos consegui fazer essa evolução, conseguir sair da sua rotina muitas vezes errada e empírica e amadora pro situação profissional mais técnica e com segurança, com convicção daquilo que ta fazendo.</i>	<i>D4U97</i>
<i>Proc. de mudança após o curso</i>	<i>Porque o aluno sai do curso ou mesmo antes de sair do curso ele já tá na atividade profissional, ele tem noção, ele tem claramente a noção que ele precisa aprender, que ele precisa aproveitar, que ele precisa ter o conhecimento imediatamente, ele tem tempo pra amadurecer esse conhecimento, pra matura ele do ponto de vista ate emocional e profissional.</i>	<i>D1U23</i>
<i>Proc. de mudança após o curso</i>	<i>Se eles não tiverem isso como uma base sólida do conhecimento deles, eles não vão poder aplicar o conhecimento técnico que eles aprenderam,</i>	<i>D2U58</i>
<i>Proc. de mudança após o curso</i>	<i>competência é um desafio lançado, eu acho que se lança o desafio no inicio do curso e as dificuldades são inúmeras, nós já conversamos sobre isso, o</i>	<i>D3U67</i>

<i>curso</i>	<i>recurso humano, o material humano que vocês, que nós trabalhamos na escola e ele não é homogêneo, né, ele vem cada um tem um histórico de escolaridade e formação cultural também, o próprio serviço também muitos já tem rotina. E a dificuldade de passar essa informação pro aluno, de fazer com que ele assimile essas competências, é o desafio grande.</i>	
<i>Proc. de mudança após o curso</i>	<i>escola tem conseguido no final do curso transmitir pro aluno e fazer com que ele consiga se superar com apoio inclusive psicológico e pedagógico. E conseguir no final do curso atender a esse desafio e ter o mínimo de conhecimento e de competência pra pode sair a campo, sair pra vida profissional formado aqui e desempenha satisfatoriamente a sua profissão, lógico que não esquecendo, que eu to considerando ai a média mais baixa né, mais nós temos dentro desse recurso humano ai heterogêneo pessoas que ao contrário se destacam pela facilidade de assimilar de boa formação anterior e que sai do curso com as competências muito bem assimiladas e até acima do esperado, mas nós temos que considerar que tem cinco ou seis alunos de uma turma dessa que tem dificuldade maior e vão acabar saindo com conhecimento mínimo, né, satisfatório, mais mínimo pra pode desempenha a profissão e que lógico que vão te que continuar tendo um acompanhamento,</i>	<i>D3U69</i>
<i>Proc. de mudança após o curso</i>	<i>consegue discutir o assunto já em detalhes, inclusive já criando desafios pro professor em te que procurar, investigar certas perguntas por que já são bem mais profundas né, então isso é sinal de que eles evoluem, de que fizeram pesquisa em casa pra pode também desafiar o professor, então isso denota que houve interesse</i>	<i>D3U74</i>
<i>Objeto Trab. –carácter. subjetivas</i>	<i>eu conheço os dois lados da ação do aluno, o aluno funcionário, o aluno fiscal.</i>	<i>D1U6</i>
<i>O trab. características subjetivas</i>	<i>Como eu dei, nessas duas últimas turmas eu não trabalhei os alunos no início do curso, eu trabalhei já na fase intermediária e final, eu já não senti isso, quem sabe talvez algum outro professor tenha sentido , eu não senti tanto essa verdade, essa realidade porque os alunos, isso é natural deles, os alunos eles acabam por osmose, por difusão entre eles discutindo nos intervalos as situações sociais deles, eles acabam tendo sociabilizam muito as rotinas; eles transferem muita informação do aluno que tem rotina pra aquele que não tem rotina, existe uma socialização dessa informação que é normal nessa união social que há do aluno e da turma, e com tempo há uma difusão uma homogeneização bem visível dessa informação de rotina e que a gente acaba não tendo mais, não se nota mais o aluno for a desse contexto.</i>	<i>D3U80</i>

## Relações de Trabalho – 11

Aluno-prof.essor – 08

Professor –instituição - 03

<i>Rel T – aluno-prof.</i>	<i>eu tenho uma empatia grande com os alunos</i>	<i>D2U31</i>
<i>Rel T – aluno-prof.</i>	<i>contribuindo para que os alunos tenham em mim uma figura não de um professor que ta ali pra cumpri horário, pra cumpri carga, conteúdo programático ou</i>	<i>D2U34</i>

	<i>qualquer outra questão pré-estabelecida, mas ta ali pra discuti com eles assuntos práticos, pra ta direcionando aquele assunto que a gente tem que bota de uma forma prática e aplicada</i>	
<i>Rel T – aluno-prof.</i>	<i>gente consegue amenizar isso e eles se desarmam e aceitam melhor o conteúdo, participam mais e mesmo aqueles mais rebeldes, a gente consegue brincar e incorpora eles a rotina das aulas e ao contexto da aula e mo final as coisas funcionam e todo mundo aprende o mínimo do possível, dentro das limitações, mas aprendem</i>	<i>D2U39</i>
<i>Rel T – aluno-prof.</i>	<i>gente discute esses assuntos até hoje com eles e a gente nota que eles aprenderam, que houve uma evolução no aprendizado e não ficou aquela coisa muito pasteurizada de passar conteúdo, de ter que estudar, eles realmente participaram, interagiram e aprenderam.</i>	<i>D2U40</i>
<i>Rel T – aluno-prof.</i>	<i>eu não lembro de uma única aula que tenha sido negativa, nenhuma aula com eles nas três turmas foi difícil, tirando o problema da própria estrutura da escola as vezes, de ter que improvisar em outros anos, de ter que substituir professor em última hora</i>	<i>D2U42</i>
<i>Rel T – aluno-prof.</i>	<i>isso a gente consegue atender, da mesma forma nos conseguimos aglutinada forma mais prática possível e isso pra eles é muito positivo, eles conseguem ver exatamente nisso uma vantagem, não a vantagem do ponto de vista negativo, mas uma vantagem positiva e justamente estar ali, quer dizer ele consegue, o aluno consegue ver o sentar no banco de escola uma utilidade prática pra aquilo, ele não vai, não é uma semente a esperar a ser germinada</i>	<i>D2U47</i>
<i>Rel T – aluno-prof.</i>	<i>principalmente trazê-los pra aquela rotina prática de trabalho, com informação conjugada a prática, isso eu acho que é o que mais estimula e o que acaba mais mantendo o aluno em sala de aula e depois mantendo o curso também.</i>	<i>D2U48</i>
<i>Rel de T c/ instituição</i>	<i>A escola tem que ter a mesma sensibilidade, a coordenação porque vai estar envolvida da mesma forma, eu acompanhei as coordenações desses últimos cursos e eram muito estressantes os desafios da coordenação porque justamente o aluno notava o professor distante dessa realidade e cobrava da coordenação isso, então a coordenação tem um papel ai bem complicado que e justamente chamar a atenção do professor pra essas individualidades, essas características individuais do aluno.</i>	<i>D4U105</i>
<i>Rel de T c/ instituição</i>	<i>esse papel de intermediador, que a coordenação seja a intermediadora, justamente desses conflitos que aconteceu em grande numero, justamente por essa dificuldade de comunicação entre o professor e o aluno dentro dessa realidade que eu já descrevi. Então realmente a coordenação também tem um papel fundamental e não só de ser esse intermediador, mas também de fazer muitas vezes a autocritica e mudar certas diretrizes que estavam sendo tomadas e equivocadas</i>	<i>D4U106</i>
<i>Relação c/inst.</i>	<i>fui professor da escola técnica desde a primeira turma da vigilância ambiental, que eu não me recordo exatamente a data, mas deve fazer uns quatro anos ou cinco anos.</i>	<i>D1U2</i>
<i>Rel de T c/aluno</i>	<i>tenho notado que nessas aulas participativas e práticas os alunos têm sempre um interesse verdadeiro</i>	<i>D3U73</i>

## Organização do Processo pedagógico - 02



<i>Org do Proc. pedagógico</i>	<i>há necessidade de que nos próximos cursos de reforçar de inicio a parte da escrita.</i>	<i>D4U109</i>
<i>Org do Proc. pedagógico</i>	<i>escola tem que continuar enfatizando como inicio da atividade, trabalhar fortemente com a pedagogia adequada essa dificuldade que e geral dos alunos e que acaba atrapalhando o curso todo depois na vida profissional deles.</i>	<i>D4U111</i>

## Finalidades do Trabalho – 09

De formação do aluno – 06

De vigilância/complexidade do Trabalho - 03

<i>Final da formação</i>	<i>É uma profissão que se documenta muito e a documentação se não ficar bem feita ela compromete o próprio trabalho depois, se a gente faz um trabalho bem feito e um documento mau, isso repercute inclusive conceitualmente neles individualmente.</i>	<i>D2U51</i>
<i>Final da formação</i>	<i>eu sei que um técnico em vigilância sanitária não pode prescindir de fazer de elabora um documento, um relatório é uma coisa de rotina deles, é do dia a dia e eles simplesmente se negavam a aprender como se aquilo fosse uma atribuição de um administrativo e não é, é deles, é a função deles fazer a ação e relatar a ação, ninguém pode fazer isso por eles</i>	<i>D2U54</i>
<i>Final da formação</i>	<i>finalidade muito bem definida, que é justamente a formação prática, a formação objetiva de um técnico, todos os técnicos... na forma não teórico mas na forma prática, pra atuação num campo de trabalho relativamente novo que está em expansão, grande expansão que é a vigilância sanitária, a ambiental a saúde do trabalho, mais ainda a saúde do trabalhador,</i>	<i>D3U62</i>
<i>Final da formação</i>	<i>eu acho que o técnico em vigilância sanitária, ambiental e saúde do trabalhador, surgiu de uma necessidade há anos atrás de formar técnicos que pudessem atuar nessa rotina de fiscalizações, de documentações, dessa parte legal, que é uma atividade muito legalista, muito baseada em leis e dai a grande dificuldade do profissional, as pessoas tem muita dificuldade de lidar com leis, em aplicar as leis.</i>	<i>D3U63</i>
<i>Finalid. da formação</i>	<i>meta que tava se procurando da coordenação e dos professores foi atingida, senão na plenitude, mas assim de uma forma bem significativa e isso trouxe sucesso a essa, a essa empreitada de forma o técnico com esse conhecimento, com essas habilidades técnicas e por isso que tão trabalhando ai, tão tendo um resultado muito positivo</i>	<i>D4U98</i>
<i>Final da vigilância/complexidade</i>	<i>Nos temos todo ano um desafio novo, todo ano uma atividade nova a ser desenvolvidas, legislações extremamente dinâmicas, no sentido de portarias, de resoluções, que trazem informações novas ou fazem conhecimento anteriores que também atrapalha muito, então e uma atividade como eu falei extremamente complexa e um desafio enorme do ponto de vista de formação de um técnico de nível médio pra essa atividade.</i>	<i>D1U25,</i>
<i>Final da vigilância/complexidade</i>	<i>mesmo com os profissionais de nível superior formado em profissões afim pra atividade, mesmo pra esses profissionais, a complexidade da vigilância e um desafio enorme e eles tem varias dificuldades no dia a dia. Imagina pro técnico que tem a formação bem inferior do ponto de vista de conhecimento,</i>	<i>D1U28</i>

	<i>do ponto de vista tempo de formação e logicamente as dificuldades são maiores e lógico que isso implica no desafio do professor e do coordenador, do supervisor de formar um grupo que tem que ser homogêneo.</i>	
<i>Finalid. de formação</i>	<i>as competências são procuradas, elas são realistas e isso faz com que o curso no final tenha um êxito de formação do profissional</i>	<i>D3U79</i>
<i>Finalid. Trab. de vigilância</i>	<i>De legislação dinâmica, de responsabilidade muito grande porque poucos cursos técnicos de nível médio formam aluno com tamanha responsabilidade geralmente os técnicos saem pra fazer um segundo aprendizado, que e o pratico e faz o entendimento da sua rotina de uma forma gradual, nesses casos os técnicos, ele saem formados com uma responsabilidade e uma complexidade de atividades muito grande.</i>	<i>D1U21</i>

### Força de trabalho – 23

Capacitação docente – 06

Competência docente – 10

Conhecimento – 02

Habilidades – 01

Motivação 04

<i>FT-CAP</i>	<i>não fiz nenhum curso de pedagogia, a não ser o meu mestrado, porque apesar de eu ser especialista eu.</i>	<i>D1U3</i>
<i>Ft-cap</i>	<i>No primeiro curso eu não tenho boa memória, mas nos fizemos o trabalho de iniciação do curso com algumas oficinas, algumas dinâmicas de relação à atividade docente no primeiro curso, no segundo e no terceiro eu não tive essa capacitação.</i>	<i>D1U4</i>
<i>Ft-conhecimento</i>	<i>foi muito útil esse meu conhecimento porque ajudei muito a coordenação do curso no sentido de dinamizar a atividade, criar novos objetivos pro curso propriamente porque a gente pode contribuir nesse sentido de formar os professores.</i>	<i>D1U7</i>
<i>Ft-cap</i>	<i>quando entra em média e alta complexidade, principalmente em serviço de saúde que e a área mais complexa do meu ponto de vista, que mais demanda conhecimento técnico e desenvoltura pra atividade.</i>	<i>D1U9</i>
<i>Ft-cap</i>	<i>muito gratificante porque eu entrei sem pretensão alguma, lógico eu entrei tecnicamente pra ajuda, pra contribuir.</i>	<i>D1U18</i>
<i>Ft-cap</i>	<i>eu não me prendo a muita teoria, a muita regra nessa área pedagógica, e a gente acaba ficando mais flexível pra se adapta a cada contexto, a cada situação e aliado a isso a minha experiência profissional, com uma pitadinha, com um tempero importante, que eu uso sempre isso na minha vida profissional</i>	<i>D2U33</i>
<i>Ft-cap</i>	<i>fui apenas com conteúdo, sem preparação de roteiro de aula e a aula ficou muito boa, com aproveitamento dos alunos muito bom, porque a gente na verdade discutiu os assuntos</i>	<i>D2U37</i>
<i>Ft-comp</i>	<i>são assuntos que eu domino, são assuntos da minha rotina, da minha formação, então tenho mais facilidade de discutir esses assuntos de transformar</i>	<i>D3U75</i>

	<i>ele, uma forma mais assimilável pro aluno também.</i>	
<i>Ft-comp</i>	<i>Eu me adaptei em função da rotina profissional e da real necessidade que eu sabia que existia no serviço, então essa facilidade eu tive em relação a minha rotina de trabalho e também porque eu acompanhei, como eu já falei antes acompanhei o início da formação do serviço em Blumenau.</i>	<i>D3U75</i>
<i>Ft-comp</i>	<i>(quando traz a experiência) facilita muito o entendimento do curso e das diretrizes do curso também, a gente consegue ajudar os gestores da escola, nesse sentido também pra dizer o que é prático, o que não é prático, o que é real dentro da rotina, o que não é real, o que é o tópico, o que não é o tópico;</i>	<i>D3U78</i>
<i>Ft-comp</i>	<i>(a prática do professor) ajudou bastante na confecção de uma metodologia própria minha e entender a forma dessas pessoas e lógico que a gente pode transferir isso pros alunos, dessas pessoas enfrentarem suas rotinas, seus desafios e as dificuldades que elas tiveram. Pra que a gente pudesse na sala de aula facilitar essa assimilação de conhecimento, justamente pensando na forma mais prática possível, mais objetiva pra que eles tivessem condição com aquele conhecimento e aplicação prática de ter a desenvoltura que eles precisariam ter no trabalho.</i>	<i>D4U89</i>
<i>Ft-comp</i>	<i>acredito que um professor que não tenha essa experiência tenha mais dificuldade em lidar com o aluno, o aluno trabalhador, o aluno profissional, empírico muitas vezes e que precisa aprender, que é o desafio, ter conhecimento técnico, para ter uma postura mais profissional diante da sua rotina de trabalho.</i>	<i>D4U90</i>
<i>Ft-comp</i>	<i>eu considerei a experiência profissional, a experiência social minha com esses alunos que eu já tinha maior e mais importante na forma de conduzir a minha forma pedagógica, muito mais importante o aprendizado que eu tive com os próprios profissionais, com a própria rotina e com bom senso que eu considero, que tenho como uma característica minha e acabei conciliando essas duas coisas, mas sinceramente preponderando a característica minha, de intuitiva nessa situação</i>	<i>D4U92</i>
<i>Ft-comp</i>	<i>Para o professor é um desafio muito grande entender todos esses ingredientes, conseguir digerir isso de uma forma positiva e conseguir trazer pro aluno uma informação, um conhecimento que pra eles seja estimulante.</i>	<i>D4U102</i>
<i>Ft-comp</i>	<i>o professor ele tem que ter essa visão bem ampla da realidade do seu recurso humano ali que ele tá trabalhando, do seu material e ter essa grandiosidade de entender que esse aluno precisa aprender, mas também precisa ser escutado, precisa ser ouvido, porque ele tem bagagem, mesmo que seja bagagem empírica, ele não é um aluno cru e essa bagagem tem que ser trabalhada pelo professor, modificada na medida do possível e na medida da necessidade de uma forma hábil e sensível do professor pra não criar conflitos, pro professor não ser, não entrar em atrito com professor.</i>	<i>D4U103</i>
<i>Ft-compet</i>	<i>dupla atividade, eu sou clínico médico veterinário e sou diretor da vigilância em saúde.</i>	<i>D1U1</i>
<i>Ft-compet</i>	<i>Eu trabalhava como médico veterinário da vigilância sanitária, fizeram contato, a própria escola fez contato comigo pedindo pra que eu desse inicialmente uma cadeira de zoonose.</i>	<i>D1U5</i>
<i>Ft-conhec</i>	<i>mudar essas convicções e muito complicado, então o professor ele tem que ter o conhecimento e tem que ter a sensibilidade tem que ter a boa vontade de escutar o aluno e tentar modificar essa realidade, essa verdade que o aluno traz, que é verdadeira ou falsa, mas que é uma verdade e fazer com que</i>	<i>D4U104</i>

	<i>esse aluno se estimula a conhecer novos conhecimentos, adquirir esses novo conhecimento.</i>	
<i>Ft-habil</i>	<i>sinceramente falando eu tive na minha conduta como professor eu tive uma influência menor de pedagogia, dentro até do próprio curso e maior de bom senso e experiência. Isso eu posso afirmar porque eu fui muito intuitivo na forma de conduzir as minhas aulas e as aulas práticas também e considerei, não desprezei, mas considerei menos a parte pedagógica</i>	<i>D4U91</i>
<i>Ft-motiv</i>	<i>Isso pra mim profissionalmente é estimulante, porque eu consigo apesar de todos os compromissos que eu tenho eu consigo ir pra uma aula desse curso especificamente, fora as palestras e outros assuntos que a gente acaba assumindo também pedagogicamente, mas o curso de vigilância em especial eu consigo ir motivado</i>	<i>D2U41</i>
<i>Ft-motiv</i>	<i>as aulas foram produtivas, tanto as aulas práticas, como as teóricas e isso sempre me motivou.</i>	<i>D2U43</i>
<i>Ft-motiv</i>	<i>mas pra mim não é desgastante dar aula, muito pelo contrário, é prazeroso, porque eu sinto uma empatia com os alunos muito forte e isso traz sempre resultado e isso me anima porque a gente vê que esses alunos mesmo com as dificuldades deles, eles aprendem o conteúdo técnico, aprendem de uma forma pratica, mas aprendem e acabam levando isso para a vida profissional de ma forma positiva e acabam sendo pra eles e nos principalmente, sermos uma referência técnica ao longo dos anos</i>	<i>D2U44</i>
<i>Ft-motiv</i>	<i>eu não tenho nada a reclamar em relação à docência, eu acho que é prazerosa e é inata, eu acho que nesse aspecto eu tenho isso como uma facilidade e até poderia trabalhar mais nessa área de docência, pena que a gente assim tem muito compromisso</i>	<i>D2U45</i>
<i>Ft-motiv</i>	<i>eu não vejo a docência como uma tarefa, eu vejo como um belo trabalho, principalmente quando a gente consegue trazer conhecimento, trazer informação e que fica, que vão usar por muitos anos no dia a dia profissional, e isso pra mim é o mais prazeroso e é o que me estimula a estar sempre disposição como professor.</i>	<i>D2U46</i>

### Instrumentos de Trabalho/metodologia- 03

<i>Inst Trab –metod</i>	<i>eu não tenho regras muito rígidas de pedagogia ou de didática.</i>	<i>D2U32</i>
<i>Inst Trab -metod</i>	<i>isso traz pra sala de aula uma situação um tanto positiva que é a participação de todos</i>	<i>D2U35</i>
<i>Inst Trab -metod</i>	<i>eu senti uma facilidade muito grande de conversa, de discuti, de pedir as coisas inclusive, na verdade eu tenho essa facilidade na vida profissional, na minha função diretor e isso eu não posso reclamar, mas na função de professor eu senti em todas as turmas uma facilidade grande e isso pra mim é gratificante porque facilita muito o trabalho, tanto é que em muitas aulas eu pouco preparei a aula até por dificuldade tempo meu tempo sempre foi muito escasso</i>	<i>D2U36</i>

**Necessidades de Trabalho – 23**

Necessidades do aluno – 14

Necessidades do professor – 01

Nec. Sociais De vigilância – 06

Nec. Sociais de técnicos – 02

<i>Necess do aluno</i>	<i>técnico de vigilância sanitária, ambiental, saúde do trabalhador de uma forma geral ele tem dificuldades no dia a dia que devem ser superadas até pra que o trabalho dele transcorra de uma forma normal e que tenha os objetivos que ele precisa alcançar que é a eliminação de risco a saúde e o cumprimento de legislação, as duas coisas são trabalhadas em sintonia,</i>	<i>D4U84</i>
<i>Necess do aluno</i>	<i>escola tem que trabalhar (as dificuldades) isso pra pode dar resposta pro aluno, de certa forma até incentivar o aluno com essa solução pra que o aluno não veja a própria profissão como um motivo de estresse, um motivo de desafio maior do que ele possa resolver e com isso um desânimo, uma desmotivação pelo trabalho dele e também uma desmotivação secundária pelo próprio ensino, pelo próprio processo de ensino que a escola tenta repassar, porque justamente a quantidade de conhecimento que ele tem que ter é muito grande e isso é o grande desafio da escola também</i>	<i>D4U85</i>
<i>Necess. do aluno</i>	<i>desafio de aprimorar esse enfrentamento da realidade deles do dia a dia com a pedagogia, com a didática pra que seja, venha a ter um resultado prático, e eles consigam entender esse desafio como uma rotina, como um certo, até uma rotina prazerosa, uma rotina de desafios que eles tem que conseguir vencer.</i>	<i>D4U86</i>
<i>Necess. sociais de vigilância</i>	<i>os desafios são diários são muito complexos cada vez que envolvem uma série de conhecimentos técnicos, de desenvoltura profissional, na lida com o problema propriamente, na lida com as pessoas envolvidas, com as instituições envolvidas, realmente é uma atividade muito complexa e isso gera uma dificuldade de trabalho de rotina muito grande.</i>	<i>D4U83</i>
<i>Necess sociais de técnicos</i>	<i>dentro das competências previstas no curso, como foi um curso moldado lógico que modelos nacionais logicamente, partindo de modelos pré-estabelecidos, mais foram trabalhadas as necessidades nossas aqui desde o início, então as competências que o curso trabalho e trabalha, ainda não houve mudança nesse sentido em relação as competências, é muito apropriado, é muito, muito dentro da realidade, da rotina, do dia a dia, do dia de um técnico a campo, eu acho que não teria razão, não vejo motivo pra se mudar essas competências, aprimorar elas sim né, dentro das linhas gerais de cada competência. Fazer pequenas correções, pequenas adaptações e até há necessidade disso em função da dinâmica da própria atividade, ela é dinâmica, ela não é um conhecimento estático é um conhecimento que vai sendo mudado a medida que a legislações são refeitas e as necessidades também vão aparecendo de forma</i>	<i>D3U66</i>

	<i>diferenciada e tem que ser adaptado a isso, mas, pelo que eu acompanhei dos três cursos, as competências buscadas nesses cursos são válidas, são realistas, não fogem a realidade, não existe academicismo, não existe romantismo na formação,</i>	
<i>Necess sociais de vigilância</i>	<i>A vigilância em saúde e um conceito relativamente novo, que ta sendo ainda trabalhado como a saúde do trabalhador que e uma atividade recente na rotina das vigilâncias e da secretaria de saúde como um todo</i>	<i>D1U10</i>
<i>Necess sociais de vigilância</i>	<i>ta se entendendo a vigilância em saúde como uma necessidade, como um órgão único de vigilância que englobe saúde do trabalhador, epidemiologia, de vigilância sanitária e vigilância ambiental. Então esta se consolidando, hoje eu não vejo um retrocesso mais pra esse encaminhamento.</i>	<i>D1U11</i>
<i>Necess sociais de vigilância</i>	<i>já temos principalmente no estado e de Blumenau uma visão muito tranqüila já dessa atividade como um bloco das vigilâncias e esse bloco é uma das pernas do tripé que faz saúde publica, sus a nível municipal e também estadual que e a atenção a saúde, assistência as saúdes e as vigilâncias, pré formado por esses três blocos que vai sustentar a atividade de atenção a saúde e de saúde publica a nível municipal e estadual</i>	<i>D1U12</i>
<i>Necess sociais de vigilância</i>	<i>realidade que vai ter que ser aprimorada e sem mais retorno a uma situação anterior de duvida e de alguma confusão de atividade, hoje ta bem claro isso.</i>	<i>D1U13</i>
<i>Necess sociais de vigilância</i>	<i>Em todas as áreas de saúde do município e do estado, com essa autonomia pra poder conseguir fazer as mudanças e essas mudanças, que permaneçam essas mudanças, sejam perenes porque o que não pode acontece e haver intenção de mudar, haver intervenção do órgão e por algum motivo político, administrativo isso ser desfeito,</i>	<i>D1U15</i>
<i>Necessd Sociais de técnicos</i>	<i>supri esse mercado que não tem,...que tem muito pouco recurso humanos, tanto é que Blumenau a exemplo de muitos outros municípios até menores, criaram serviços precários até então</i>	<i>D3U64</i>
<i>Necessid do aluno</i>	<i>eu uro partir de um nível mais básico de informação, desde a forma de linguajar técnico, um técnico mais simples, até a atenção maior pra esses alunos, pra que justamente exista o máximo possível de homogenicidade, pra que eles tenham condição de ter uma evolução mais ou menos igual, pra que a gente possa evoluir dentro das matérias, dentro dos conteúdos, pra que não exista alunos, exceção de alunos que saiam sem o aprendizado mínimo daquela material</i>	<i>D3U70</i>
<i>Necessid do aluno</i>	<i>Senão, se a coisa fica muito teórica, muito longe da realidade deles, eles passam a não ter interesse, passam a não participar da aula, não participar atentamente da aula e assimilam aquele conteúdo minimamente, então a idéia é justamente na área técnica, que geralmente foram as áreas que eu trabalhei nesses cursos, eu sempre urei como eu falei iniciar da forma mais gradual possível, trazer desde o início pra eles espaço, dar espaço pra perguntas, nunca me incomodei com interrupções de aula. Inclusive com derivação do assunto pra outras áreas né, mesmo que a gente perdesse ai seus 10 ou 15 minutos né, pra que a gente pudesse interessar um pouco mais o aluno, ás vezes um aluno que a gente nota, que o aluno menos participativo, quando se manifesta dar o espaço pra ele pra</i>	<i>D3U71</i>

	<i>estimular e mesmo que se deriva um pouco, procurar ir com bom senso, aproveitar a informação que se traz nova pra contextualizar ela né, trazer de volta pro assunto original e fazer com que a turma toda entenda aquele histórico novo, que a turma toda consiga entender o porquê daquela informação que ta sendo trabalhada nova</i>	
<i>Necess do professor</i>	<i>eu vejo o professor como um fator primordial pra que o curso consiga ter o êxito que se pretende, porque o professor tem que justamente conseguir conjugar o conhecimento técnico que ele tem com uma habilidade muito importante que e a sensibilidade de entender esse aluno que e um aluno especial, um aluno que tem suas dificuldades de aprendizado, porque teve uma formação insuficiente já no ensino fundamental, continuou tendo dificuldades no ensino médio e soum aluno com limitações intelectuais,</i>	<i>D4U99</i>
<i>Necess do aluno</i>	<i>desafio formar e depois manter atualizado, manter reciclado um profissional desses porque a demanda e muito grande, digo isso porque eu conheço há muitos anos, há quinze anos eu conheço trabalho da vigilância e principalmente sanitária e lido com profissionais de nível médio, profissionais de nível superior.</i>	<i>D1U27</i>
<i>Necess do aluno</i>	<i>alunos profissionais que tão trabalhando em pequenas prefeituras, que a demanda mesmo que seja só básica, de atividade básica e uma demanda muito grande porque geralmente eles trabalham sozinhos e tem tudo pra se feito e ainda tem uma pressão política enorme, que dificulta ainda mais o trabalho deles</i>	<i>D1U29</i>
<i>Necess do aluno</i>	<i>eles vão sair mal formados (se não aprendem a escrever), mesmo que tenham uma bagagem técnica enorme, eles não vão poder exercer a atividade deles, porque a atividade deles é administrativa, não tem como fugir.</i>	<i>D2U56</i>
<i>Necess do aluno</i>	<i>eu briguei pra valer com eles, dentro da minha característica de tranqüilidade eu não me exaltei, mas briguei com eles porque eu não podia admitir que uma turma, eu não lembro que fase era, mediano do curso, que eles saíssem daquele módulo sem ter aprendido a escrever pelo menos um relatório.</i>	<i>D2U59</i>
<i>Necess do aluno</i>	<i>mas é importante que eles tenham já a base pra justamente ter a consciência da necessidade de saber escrever, porque eles acham que não precisa escrever</i>	<i>D2U61</i>
<i>Necess do aluno</i>	<i>cada turma tem suas dificuldades, principalmente formação né, já conversamos sobre isso quando se trabalha com um curso prático que se envolve interpretação de leis, elaboração de documentos, entre outras coisas importantes, mas pensando nisso pelo lado intelectual, nós, tendo o recurso humano, o material humano, com dificuldades de formação nessa área né, redação, língua portuguesa, nós vamos ter logicamente dificuldade de forma de consegui moldar esse aluno, em tão pouco tempo numa atividade intelectual que ele não teve até então né., ele é um adulto já.</i>	<i>D3U68</i>
<i>Necess do aluno</i>	<i>conseguir entende as necessidades que ele tinham de nível técnico, eles tinham muitas carências e as mesmas necessidades que eu notei e que eu confirmei nos profissionais que se formaram na primeira turma, que eram profissionais com a mesma história de formação de serviço, adaptados de um outro setor, tiveram que improvisar a atividade, então tinham as mesmas dificuldades de conhecimento</i>	<i>D3U76</i>

	<i>técnico, de desenvoltura diante das dificuldades</i>	
<i>Necess do aluno</i>	<i>dificuldade de ter um posicionamento profissional, de enfrentar, discussões técnicas, discussões legais, então isso facilito bastante chega na segunda e na terceira turma e pode ter uma visão crítica em relação a essa real necessidade de Mercado, da rotina da vigilância pra esse profissional que ta sendo formado.</i>	<i>D3U77</i>
<i>Necess do aluno</i>	<i>A rotina eu já disse é um desafio maior ainda pra um professor, para um coordenador de curso, fazer com ele adquira o conhecimento mínimo pra ele enfrentar essa rotina e um grande agravante ai nessas dificuldades que é o aluno te, não é o aluno cru, não é um aluno moldável facilmente porque ele já veio forjado dentro de uma realidade de trabalho,</i>	<i>D4U93</i>
<i>Necess do aluno</i>	<i>(Vindo do serviço é) um fator que tem que ser considerado fortemente na hora de fazer planejamentos didáticos e pedagógicos porque não é um aluno maleável.</i>	<i>D4U94</i>

**Outros - 05**

<i>Outros</i>	<i>E uma atividade extremamente complexa, que em muitas situações um técnico de nível médio não tem conhecimento suficiente pra atividade (necessita de uma equipe)</i>	<i>D1U8</i>
<i>Outros</i>	<i>sem duvida nenhuma pelo que eu conheço de profissões que já me envolvi de vigilância sanitária, de vigilância em saúde, o nível médio e o maior desafio que eu conheço na formação desse tipo de profissional.</i>	<i>D1U30</i>
<i>Outros</i>	<i>eu não sou um professor tradicional, (sou) desses que fica acompanhando as mudanças, as teorias novas</i>	<i>D2U49</i>
<i>Outros</i>	<i>Nessas pequenas correções de rotas que o curso precisou ter durante a sua evolução e foi feliz porque como eu já falei antes, o resultado desses alunos e eu acompanho todos eles, eu tenho alunos não só em Blumenau, mas na região eu conheço alunos de todos os cursos</i>	<i>D4U107</i>
<i>Outros</i>	<i>vamos ter essa parceria por muito tempo.</i>	<i>D4U112</i>

**Valorização/ desvalorização da vigilância - 03**

<i>Valorização/ desvalorização da vigilância</i>	<i>E em Blumenau hoje nos conseguimos ter essa autonomia, fruto do trabalho dos próprios profissionais e de reconhecimento também da importância da atividade, pra que a gente consiga fazer funcionar essa atividade de vigilância em saúde sem interferência principalmente política</i>	<i>D1U14</i>
--	--	--------------



Valorização/desvalorização da vigilância	<i>desmotiva os profissionais, desmoraliza a atividade em si e sem credibilidade e isso eu acho que e a palavra chave da atividade toda, da vigilância em saúde, credibilidade, sem credibilidade ela não se concretiza, ela não funciona do ponto de vista de efetividade e também não funciona do ponto de vista de alta credibilidade dos próprios funcionários, dos próprios fiscais não terem tranqüilidade de realizarem as ações com a preocupação de aquilo ser desfeito, de aquilo não ter continuidade e a partir daí tudo se desmotiva, que isso em vários anos de vigilância.</i>	D1U16
Valorização/desvalorização da vigilância	<i>uma inoperância da fiscalização que acaba de novo voltando dentro do circulo vicioso voltando a perder credibilidade e a não funcionar efetivamente como órgão fiscalizador e de intervenção e de mudança de valores como deveria ser essas vigilâncias, principalmente sanitária e da saúde do trabalhador.</i>	D1U17



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)